



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Nathália Carvalho de Souza Jalles

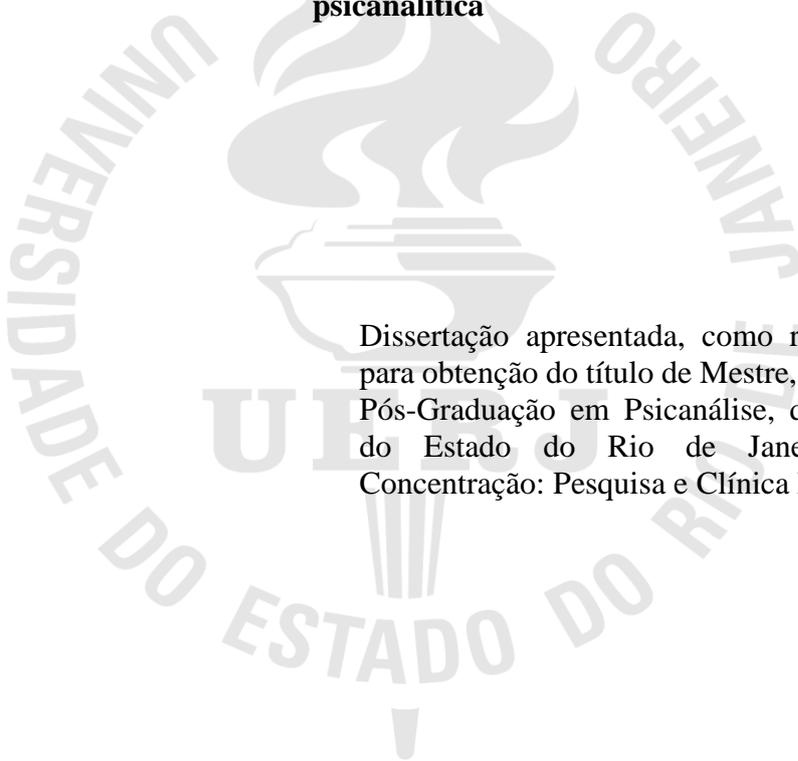
**Os fenômenos de massa e as redes sociais no contexto político brasileiro:
uma leitura psicanalítica**

Rio de Janeiro

2023

Nathália Carvalho de Souza Jalles

**Os fenômenos de massa e as redes sociais no contexto político brasileiro: uma leitura
psicanalítica**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Pesquisa e Clínica Psicanalítica

Orientadora: Prof.^a Dra. Doris Luz Rinaldi

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

J26

Jalles, Nathália Carvalho de Souza

Os fenômenos de massa e as redes sociais no contexto político brasileiro: uma leitura psicanalítica / Nathália Carvalho de Souza Jalles. – 2023.
81 f.

Orientadora: Doris Luz Rinaldi.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Psicologia.

1. Psicanálise – Teses. 2. Redes sociais – Teses. 3. Capitalismo – Teses. I.
Rinaldi, Doris Luz. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de
Psicologia. III. Título.

bs

CDU 159.964.2

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Nathália Carvalho de Souza Jalles

Os fenômenos de massa e as redes sociais no contexto político brasileiro: uma leitura psicanalítica

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Pesquisa e Clínica Psicanalítica

-
- Aprovada em 27 de novembro de 2023.
-
- Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Doris Luz Rinaldi (Orientadora)

Instituto de Psicologia - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Luciano da Fonseca Elia

Instituto de Psicologia - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Mariana Mollica da Costa Ribeiro Araújo

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Rio de Janeiro

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Eder e Denise, por todo apoio e amor incondicional durante toda a minha vida. Espero um dia poder retribuir à altura.

Agradeço também à minha avó, Jozeil, por todo amor e sensibilidade transmitidos com ternura.

Agradeço aos meus irmãos e melhores amigos, Bruno e Luísa, que enchem meu coração de amor. Como diz a frase “ter um irmão é ter, para sempre, uma infância lembrada com segurança em outro coração”.

Agradeço aos meus tios, Serjão e André, pela influência que despertaram em mim o interesse por assuntos da política e história mundial.

Agradeço ao Zuko, por ser meu companheirinho para todas as horas.

Agradeço aos meus melhores amigos, Lylian, Nayara e Jorge, por acompanharem essa minha jornada sempre me dando apoio e tornando mais leve os momentos de maior apreensão. A vocês, minha eterna gratidão e amor.

Agradeço às três melhores amigas que eu poderia pedir, e companheiras de formação, Nathalie, Caroline e Gabriela, por todo o apoio, amor e companheirismo.

Agradeço a todos os meus companheiros de pesquisa, por todo apoio e aprendizado compartilhados, em especial, a Thaysa, por sempre se fazer presente e me ajudar durante essa caminhada. Como sempre digo, ela teria sido muito mais difícil sem você.

Agradeço, especialmente, à minha orientadora, Doris Rinaldi, por sua paciência e transmissão tão importantes para mim nesses últimos anos.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha formação nesse mestrado. Meu agradecimento especial aos professores Luciano Elia e Mariana Mollica, por terem aceitado o convite em participar da banca deste trabalho.

Por último, agradeço a instituição UERJ, que representou um espaço tão importante de formação mesmo em meio a todo o caos pandêmico.

RESUMO

JALLES, Nathália Carvalho de Souza. *Os fenômenos de massa e as redes sociais no contexto político brasileiro: uma leitura psicanalítica*. 2023. 81f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Este trabalho tem como objetivo analisar os movimentos de massas contemporâneos presentes no cenário político brasileiro nos anos de 2013 e 2015, assim como seus efeitos no laço social. Procuramos propor essa análise, fundamentalmente, a partir das contribuições da psicanálise, valendo-nos, em especial, de textos clássicos de Freud que abordam as massas, o mal-estar na cultura e a formação do Eu, e também das elaborações lacanianas sobre os discursos que sustentam o laço social, assim como suas elaborações acerca do Supereu em seu imperativo de gozo. Com isso, buscamos levantar algumas hipóteses e refletir acerca do fenômeno de formação de massas na atualidade, onde se destaca a mais potente ferramenta de mobilização política contemporânea: as redes sociais. Atualmente, avolumam-se os exemplos, no Brasil e no mundo, de manifestações convocadas pelas redes sociais, com seu poder de propagação e disseminação de informação e desinformação. Nos últimos dez anos, o que colhemos é a intensificação e complexificação desses processos conforme avança o “poder” das redes sociais e a forma como elas vêm se estabelecendo em nossa sociedade. Na copulação entre ciência e capitalismo observada nas redes, os algoritmos respondem e operam de acordo com os interesses do mercado, manipulando as subjetividades. Ao final, frente ao mal-estar contemporâneo, discute-se a forma como ele se apresenta no Brasil, em articulação à resposta fascista que vimos surgir no cenário político nos últimos anos.

Palavras-chave: Psicanálise, mal-estar, redes sociais, laço social, capitalismo.

ABSTRACT

JALLES, Nathália Carvalho de Souza. Mass Phenomena and Social Networks in the Brazilian Political Context: A Psychoanalytic Reading. 2023. 81f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

This work aims to analyze the contemporary mass movements present in the Brazilian political scene in the years 2013 and 2015, as well as their effects on the social bond. We seek to propose this analysis, fundamentally, based on the contributions of psychoanalysis, using, in particular the classic texts of Freud that deal with the masses and the civilization and its discontents and the formation of the I, and also Lacanian elaborations on the discourses that support the social bond, as well as their elaborations on the Superego in its imperative of jouissance. With this, we seek to raise some hypotheses and reflect on the phenomenon of mass formation today, where the most powerful tool of contemporary political mobilization stands out: the social networks. Currently, examples in Brazil and in the world of demonstrations convened by social networks, with their power to propagate and disseminate information and misinformation, are growing. In the last ten years, what we have seen is the intensification and complexity of these processes, as the “power” of social networks advances and the way in which it has been establishing itself in our societies. In the copulation between science and capitalism observed in the networks, the algorithms respond and operate according to the interests of the market, manipulating subjectivities. In the end, in the face of the culture and its discontents, we discuss how it presents itself in Brazil, in conjunction with the fascist response that we have seen emerging on the political scene in recent years.

Keywords: Psychoanalysis, discontentment, social networks, social bond, capitalism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - A multidão de 2013	34
Figura 2 - A massa de 2015	34

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	8
1	OS FENÔMENOS DE MASSA NO BRASIL E A ATUALIDADE DA OBRA FREUDIANA	13
1.1	A multidão de 2013	25
1.2	A massa de 2015	30
2	AS REDES SOCIAIS COMO FERRAMENTA DE MOBILIZAÇÃO POLÍTICA	37
3	O INCONSCIENTE E A MASSA	46
3.1	NO INTERIOR DA MASSA: A FORMAÇÃO DO EU E A ALTERIDADE ..	47
3.2	Considerações sobre o mal-estar na cultura no Brasil	61
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
	REFERÊNCIAS:	75

INTRODUÇÃO

No ano de 2013, o espaço público brasileiro foi marcado por manifestações populares em todo o país que trouxeram novos elementos à cena política, despertando a atenção de analistas políticos e estudiosos de diversas áreas do conhecimento, da mídia e da população dos grandes centros. Dez anos depois, é possível concluir que tais manifestações foram da ordem de um acontecimento cujas características influenciaram de forma decisiva o que sucedeu no cenário político brasileiro nos anos subsequentes. As questões que balizam esse estudo surgiram da reflexão sobre essas manifestações e suas consequências.

As chamadas “Jornadas de Junho” foram as primeiras manifestações das quais participei, aos 17 anos. Foi a primeira vez que experienciei a sensação de estar na luta política, quando me aproximei dos movimentos sociais. Lembro-me da euforia de estar em meio a muitas pessoas, entoando gritos que clamavam por melhores condições de saúde, educação e transporte. Na época, pensava a importância de estar fazendo parte de um movimento social de tamanha magnitude, sendo possível nessas manifestações dar lugar a sentimentos de raiva e indignação que sentia em relação às contradições sociais que marcam, desde sua constituição, a história do meu país. O que não era possível prever na época era o fato de que esses protestos de 2013 iriam marcar o início de um período extremamente turbulento da história política do Brasil, e de que quaisquer que fossem os sentimentos de descontentamento que sentia na época, eles não chegavam perto do que eles são hoje, após todos os eventos que aconteceram na política brasileira desde então.

Assim, pude dar lugar a esses afetos a partir do meu trabalho de conclusão de curso ainda na graduação de psicologia, quando comecei a desenvolver o meu interesse por dois temas principais: psicanálise e política. Nesse momento, dei início à pesquisa que alimentaria o meu desejo de continuá-la no mestrado, a monografia intitulada *Os fenômenos de massa e o mal-estar na civilização: uma contribuição da psicanálise para o Brasil atual* (2019). Nesta pesquisa, busquei discutir os recentes acontecimentos políticos brasileiros (de 2013 às eleições de 2018) valendo-me, sobretudo, dos textos freudianos *O mal-estar na cultura* (1930) e *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921). O trabalho se dividiu em duas grandes partes: a apresentação das teses freudianas e, em seguida, as reflexões sobre três grandes marcos políticos: as manifestações de 2013, o fenômeno de massa de 2015, que antecedeu a deposição da presidenta Dilma Rousseff, e as eleições do “mito” Bolsonaro em 2018.

Retomando as questões já abordadas em minha monografia, iniciei minha pesquisa de mestrado a partir, sobretudo, do recorte que fiz de *Psicologia das Massas e análise do Eu* (1921) em que se destacam pontos importantes, tais como as reflexões sobre o papel da formação dos grupos, norteados pelo narcisismo das pequenas diferenças, que demarcam o lugar e a função daqueles a quem se dirige o ódio, bem como “a miséria psicológica das massas”, estabelecida, principalmente, pela identificação. Procuramos destacar também o conceito de multidão em oposição ao conceito de massa para sustentar as hipóteses propostas no trabalho em relação às diferenças presentes nas ruas nos protestos de 2013 em comparação aos de 2015. Em *O mal-estar na cultura* (1930), procuramos recortar a importante reflexão que Freud faz em torno do mandamento do amor ao próximo, reflexão que nos envia ao coração do problema colocado pelo estabelecimento do laço social: o gozo do próximo, este que é, simultaneamente, semelhante e diverso. Problema que nos transporta direto aos paradoxos das soluções pela via do amor e a complexidade das relações do humano com o seu "semelhante". Daí a necessidade de que isto se coloque como um mandamento, um imperativo, como nos fala Freud.

Mandamento, a seu ver, impossível de ser cumprido, em vista dos impasses que se apresentam na relação com o próximo quando se escolhe essa via. Freud é categórico ao acentuar a “maldade” que habita o próximo, assim como a mim mesmo, adotando a máxima “*homo homini lupus*”, de autoria do dramaturgo romano Plauto, apropriada pelo filósofo inglês Thomas Hobbes. “O homem é o lobo do homem”, ou seja, aquele que é capaz de “explorar a sua força de trabalho sem uma compensação, de usá-lo sexualmente sem o seu consentimento, de se apropriar de seus bens, de humilhá-lo, de lhe causar dores, de martirizá-lo e de matá-lo” (FREUD, 1930/2020b, p. 363). Podemos ver, nesse fragmento, uma referência à dimensão do gozo como um “fator que perturba nossa relação com o próximo e obriga a cultura a arcar com seus custos” (FREUD, 1930/2020b, p. 364) em um esforço de “terraplanar” o gozo.

Assim, a discussão fundamental do presente trabalho norteia-se, principalmente, pela pergunta: em que medida as massas, das quais nos fala Freud, se aproximam e se afastam das massas orquestradas através das redes sociais? E em complemento a essa pergunta: afinal, o que é a psicologia das massas nos dias de hoje?

Ao colocarmos em escansão essas questões, articulando-as a dois momentos distintos de mobilizações sociais que aconteceram nos últimos anos no Brasil, outros questionamentos possíveis surgiram: quais as implicações desse novo tipo de laço social, as redes sociais, como ferramenta de mobilização política ao redor do mundo, como visto nos últimos anos? Como podemos caracterizar a forma que assumiram tais manifestações a partir das contribuições de Freud sobre conceitos como: multidão, massa, líder, ideal do Eu, identificação, dentre outros?

Qual seria então o papel do líder nesse contexto, em manifestações com dimensões como a de 2013, convocadas pelas redes sociais?

Ao examinar essas questões através desta pesquisa, faz-se necessário discutir algumas produções da obra freudiana à medida que elas evocam o tema do laço social em articulação à atualidade da sua obra, no que ela trata sobre a categoria de massas, o mal-estar na civilização, e em suas relações com o progresso tecnológico.

As contribuições de Lacan, ao abordar o laço social a partir de uma estrutura de discurso, foram valiosas para avançarmos em nossa análise, ao nos valermos da teoria dos quatro discursos apresentada em seu *Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise* (1969-70/1992). Por se tratar de uma vasta contribuição do seu ensino, procuramos no presente trabalho destacar, dentre os quatro discursos que traz inicialmente, o discurso da universidade, o discurso do mestre e um quinto discurso que formula posteriormente, a partir de uma mutação no discurso do mestre, o discurso do capitalista. Esses discursos nos interessam para pensarmos como operam as redes sociais em tempos de capitalismo neoliberal, sob a hegemonia do capital financeiro, lançando algumas hipóteses sobre as novas modalidades de formação das massas, assim como suas formulações sobre o imperativo de gozo e as exigências do Supereu.

Além disso, com base no contexto sócio-político brasileiro em que se deram as manifestações de 2013 e 2015, objetos de análise do presente trabalho, retornamos a Freud discutindo a formação do Eu em sua teoria e as relações do inconsciente com a formação psicológica da massa.

Alicerçado nas bases indicadas acima, desenvolveremos a presente dissertação, que estará assim estruturada:

O primeiro capítulo é dedicado ao estudo da psicologia das massas de Freud. Com base nesse estudo, apresentamos uma descrição dos fenômenos de massa brasileiros, a saber, as manifestações populares de junho de 2013 e as de 2015. A análise das manifestações de 2013, ressaltamos, não poderia ser feita sem considerar aquelas que ocorreram dois anos depois, em 2015, que tiveram efeitos diretos sobre os destinos do país, com a deposição de uma presidenta democraticamente eleita em 2016. Procuramos articular esses dois momentos de manifestações políticas massivas a partir da hipótese de que as bases discursivas das manifestações de 2015 podem ser encontradas nos protestos de 2013, apesar de suas grandes diferenças. Isso nos conduz ao questionamento de como ocorreu esse processo de inflexão entre os protestos de 2013 e os de 2015, caracterizado por alguns como uma mudança de “tons”: “as manifestações começaram coloridas de esquerda e chegaram a 2015 com fortes tons de direita” (PINTO, 2017, p. 123).

Para compreendermos esse processo de inflexão, recorremos ao texto clássico e, ao mesmo tempo, extremamente atual de Freud, *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921/2020a). Nele, exploramos a diferença entre os conceitos de multidão e massa, que Freud herda de Le Bon e McDougall, para caracterizar, em uma primeira aproximação, as manifestações de 2013 e de 2015. A suposição inicial que lançamos é de que parte dessa multidão de manifestantes de 2013, em 2015 irá se estruturar em uma experiência social de massa. Essa nova forma de organização se efetivará a partir de pautas em comum, oriundas do eixo de movimentos políticos de extrema direita presentes nas redes sociais, que se valeram da “energia” despertada nas ruas no ano de 2013. Afinal, como visto na obra de Freud (1921/2020a), para os indivíduos estarem ligados em unidade, formando uma massa, deve haver algo que os una entre si, sendo este meio de ligação justamente o que é característico da massa.

Assim, é possível pensar que essas matrizes discursivas presentes em 2013 e 2015 nos movimentos de massa definiram novos rumos do cenário político brasileiro que, em seu apogeu, culminaram na eleição do presidente Jair Messias Bolsonaro em 2018.

No segundo capítulo, procuramos relacionar ao que desenvolvemos no primeiro um debate sobre as redes sociais como ferramenta de mobilização política, enfatizando essa questão. Quais seriam as implicações presentes nessa nova forma de convocação das massas, pelas redes sociais, para as concepções de Freud acerca da identificação e a constituição das massas em sua estrutura libidinal? Para isso, utilizamos as contribuições de Freud nos textos *Mal-estar na Cultura* (1930/2020b) e *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921/2020a) e o que há de mais relevante das contribuições de Freud para a análise do laço social. Utilizamos também as contribuições de Lacan no que concerne a sua teoria dos quatro discursos formulada no *Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise* (1969-70), onde traz importantes contribuições para pensar o laço social a partir das quais pretendemos lançar algumas hipóteses em relação às indagações que trazemos sobre as redes sociais e o neoliberalismo, em articulação ao discurso do mestre, o discurso da universidade, o discurso do capitalista e seus efeitos discursivos na contemporaneidade. Tais contribuições nos fornecem subsídios teóricos para refletirmos sobre as questões que discutimos neste trabalho, em que buscamos utilizar o arcabouço teórico da psicanálise para pensar as questões sociais e políticas de nosso tempo, em particular o papel das redes sociais na mobilização política e no futuro das democracias.

Por fim, no terceiro e último capítulo, procuramos abordar a constituição do Eu em Freud, em articulação aos movimentos de massa destacados no presente trabalho e suas características. Os aspectos da formação do Eu nos interessam na medida em que existe uma importante relação entre o estatuto do Eu para a psicanálise e as manifestações sociais

autoritárias, tal como discutido por Freud em *Psicologia das massas e análise do Eu* (FREUD, 1921/2020a), visto no primeiro capítulo.

A partir da segunda tópica freudiana, apresentamos o conceito de Supereu na obra *O eu e o Isso* (1923), e em *O Mal-estar na cultura* (1930), destacamos as relações do Supereu com a cultura em sua dimensão moral, que serve à inibição das pulsões de destruição (exigência cultural) em uma tensão contra o Eu. Retomamos também o mandamento do amor ao próximo como “a mais forte defesa contra a agressão humana e um exemplo excelente do procedimento não psicológico do Supereu-da-cultura” (FREUD, 1930/2020b, p. 402). Em posse dessas elaborações, seguimos para o ensino de Lacan e suas considerações acerca do mandamento do amor ao próximo e do conceito de Supereu. Lacan irá considerar a perspectiva de Freud diante desse mandamento como um recuo em relação ao gozo do próximo, e não em relação ao amor. Esse gozo nos ajuda a pensar o conceito de Supereu que, para Lacan, se constitui sobretudo como um imperativo de gozo. Assim, a partir da citação de Lacan sobre a gulodice estrutural do Supereu, como um “mal-estar (sintoma) na civilização” (LACAN, 1973/2003), partimos para considerações sobre o mal-estar na cultura no Brasil, contextualizado em relação à última década e aos movimentos de massa que são objetos de pesquisa do presente trabalho.

1 OS FENÔMENOS DE MASSA NO BRASIL E A ATUALIDADE DA OBRA FREUDIANA

O presente trabalho se propõe a analisar as dimensões relevantes dos fenômenos de massa que aconteceram na recente história político brasileira, contando com uma das mais importantes contribuições de Freud acerca do laço social, a obra *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921/2020). Logo no início deste ensaio, Freud enuncia uma importante proposição que marca a inscrição da psicanálise no registro das relações sociais.

Na vida psíquica do indivíduo, o outro é via de regra considerado como modelo, como objeto, como auxiliar e como adversário, e por isso a psicologia individual é também, de início, simultaneamente psicologia social, nesse sentido ampliado, mas inteiramente legítimo. (FREUD, 1921/2020, p. 137)

Em *Psicologia das massas e análise do Eu* (FREUD, 1921/2020, p. 137), Freud nos fala que o indivíduo não está isolado, mas mantém vínculos com o outro, que assume o lugar de modelo, objeto, auxiliar e inimigo. Dentre os diversos outros, pais e irmãos, objeto de amor, médico etc., poucos assumirão maior relevância para ele. Na psicologia social ou de massas, comumente se abstrai essas relações e se isola como objeto de investigação a influência que um grande número de pessoas pode exercer simultaneamente sobre o indivíduo, sem diferenciar os tipos de laços. Logo, pessoas com as quais ele se acha ligado de alguma forma, que assumem alguma relevância para ele, ao mesmo tempo, em muitos aspectos podem lhe parecer estranhas.

Portanto, Freud afirma que a psicologia social trata o indivíduo como membro de uma tribo, um povo, uma classe, uma casta, uma instituição ou, finalmente, como “parte de uma multidão que se organiza como massa durante certo tempo, e para um fim determinado” (FREUD, 1921/2020, p. 138). Associado a isso, explica que o fator numérico não pode ser o mais importante ao ponto de ser possível supor uma “pulsão social” natural ou indivisível, que é ativada sob essas condições, com os indivíduos mobilizados em massa.

Assim, Freud se vale da obra *A Psicologia das Massas* (1912), de Gustave Le Bon, como uma forma de entrada no campo dos fenômenos das massas, para deste retirar determinados fatos relevantes e característicos para início de sua investigação. Freud introduz a questão da “massa psicológica” onde o indivíduo pensa, sente e age de modo completamente diferente do esperado de acordo com o alinhamento a uma multidão. A partir disso, levanta os seguintes questionamentos: “O que é então uma ‘massa’? De onde ela tira a capacidade de influenciar tão

decisivamente a vida psíquica do indivíduo? E em que consiste a alteração psíquica que ela impõe ao indivíduo?” (FREUD, 1921/2020, p. 140).

Para começar a elaborar estas perguntas, Freud apoia-se nas palavras de Le Bon (1912), quando ele diz que o fato mais singular numa massa psicológica é o de que, apesar das diferenças ou semelhanças dos indivíduos que a compõem, o fato de se terem transformado em massa os torna possuidores de uma espécie de alma coletiva. Esta alma os faz sentir, pensar e agir de forma distinta da que cada ser individualmente sentiria, pensaria ou agiria. Isto é, certos sentimentos e ideias só aparecem e se transformam em atos quando os indivíduos em massa estão, por meio desta massa, ligados em unidade. Freud comenta que se os indivíduos estão ligados nessa unidade, tem de haver algo que os une entre si, sendo este meio de ligação justamente o que é característico da massa.

Entretanto, Le Bon não dá resposta a essa questão em seu livro. Le Bon acredita que na massa as aquisições próprias dos indivíduos desaparecem e, com isso, se desvanecem as suas particularidades. Isso significa dizer que a superestrutura psíquica, que se desenvolve de modo particular em cada indivíduo, é debilitada e o que se torna operante é o fundamento inconsciente comum a todos. Dessa maneira, se produz um caráter intermediário entre os indivíduos da massa. Porém, conforme Le Bon, os indivíduos da massa mostram também características novas, que não possuíam antes, e o autor vai apoiar as razões para isso em três fatores diferentes.

O primeiro deles se apresenta pelo fato de que o indivíduo na massa adquire, pelo simples fato de estar em número, um sentimento de poder invencível que lhe permite ceder a pulsões que, estando só, ele geralmente não cederia. E cederá com tamanha facilidade devido ao fato de a massa ser anônima e, conseqüentemente, irresponsável. Com isso, o sentimento de responsabilidade que sempre retém os indivíduos desaparece por completo.

Na massa, segundo Freud, o indivíduo está sujeito a condições que lhe permitem se livrar dos recalques dos seus impulsos pulsionais inconscientes. Isto é, as características aparentemente novas que o indivíduo na massa então apresenta são justamente as manifestações desse inconsciente que se encontra contido, que caracterizam o ódio e a violência. Afirma que não é difícil compreendermos esse esvaecer da consciência ou do dito sentimento de responsabilidade nestas circunstâncias, pois “Há muito tempo afirmamos que o cerne da chamada consciência moral é ‘medo social’” (FREUD, 1921/2020, p. 143).

O segundo fator que Le Bon formula é o contágio mental. Este intervém igualmente para determinar a manifestação de certas características presentes na massa. O contágio, afirma Le Bon, é um fenômeno fácil de constatar, mas inexplicável. Numa massa, todo ato e todo

sentimento são contagiosos, e isto é elevado ao ponto do indivíduo sacrificar facilmente seu interesse pessoal ao interesse coletivo.

O terceiro e último fator, e o qual Le Bon considera o mais importante, é a sugestionabilidade onde o contágio mencionado acima é apenas um efeito desta. A sugestionabilidade se aproxima muito do estado de fascinação do hipnotizado nas mãos do hipnotizador. Um estado tal que, sem sua personalidade consciente, o indivíduo obedece a todas as sugestões do operador que a fez perdê-la, cometendo atos contrários a seu caráter e costume. Assim, sem a personalidade consciente, sem vontade e discernimento, os sentimentos e pensamentos do indivíduo passam a ser orientados no sentido determinado pelo hipnotizador. Nesse sentido, Le Bon aproxima esse efeito da hipnose ao estado do indivíduo que participa de uma massa. Na massa, o indivíduo não é mais consciente de seus atos. Como no hipnotizado, a influência de uma sugestão o levará com impetuosidade à realização de certos atos. Nas massas, esse efeito da sugestão, que é a mesma para todos os indivíduos, ainda é mais forte, pois exacerba-se pela reciprocidade. Le Bon elucida que as principais características de um indivíduo na massa são:

[...] desaparecimento da personalidade consciente, predominância da personalidade inconsciente, orientação dos pensamentos e sentimentos na mesma direção, através de sugestão e contágio, tendência a transformar imediatamente em atos as ideias sugeridas. (LE BON, 1912, p. 17 apud FREUD, 1921/2020, p. 144)

Visto isso, Freud evidencia que Le Bon realmente caracteriza o estado do indivíduo na massa como hipnótico, ou seja, não apenas compara esses estados. Freud se volta para a descrição da alma da massa, que segundo Le Bon,

[...] a massa é impulsiva, mutável e excitável. Ela é guiada quase que exclusivamente pelo inconsciente. Os diversos impulsos a que a massa obedece podem, dependendo das excitações, ser tanto generosos quanto cruéis, heroicos ou pusilânimes, mas serão sempre tão imperiosos que o interesse de autoconservação apagar-se-á diante deles. (LE BON, 1912, p. 20 apud FREUD, 1921/2020, p. 146).

Por ter o sentimento da onipotência, a noção do impossível desaparece para o indivíduo na massa. Segundo Freud, a massa é extraordinariamente influenciável e confiante; é acrítica, como se o improvável não existisse para ela. Além disso, sinaliza que os sentimentos da massa são sempre muito simples e muito exaltados. Ela não conhece dúvida nem incerteza. Com efeito, vai prontamente a extremos; uma suspeita exteriorizada, por exemplo, pode de imediato se transformar em certeza, como exemplifica Le Bon: “um gérmen de antipatia torna-se ódio selvagem” (LE BON, 1912, p. 32 apud FREUD, 1921/2020, p. 147).

Assim, ao caracterizar a alma coletiva baseado no livro de Le Bon (1912), Freud afirma que, inclinada a todos os extremos, a massa é também excitável apenas por estímulos exagerados. Freud aponta para o fato de que, quem quiser ter alguma influência sobre a massa, não precisa ter argumentos lógicos, basta apenas pintar com as imagens mais fortes, exagerando e sempre repetindo as mesmas coisas. Visto isso, como a massa não tem dúvidas quanto ao que é verdadeiro ou falso, mas ao mesmo tempo tem consciência da sua enorme força, ela é intolerante e crente na autoridade. Isso significa dizer, segundo Freud, que a massa respeita a força, e deixa-se influenciar em parte pela bondade, que para ela é uma espécie de fraqueza. Porém, o que ela exige mesmo de seus heróis é fortaleza, até mesmo violência, se necessário for.

Segundo Freud, a massa quer ser dominada e oprimida, quer temer os seus senhores, uma ideia que elabora a partir de Le bon que, em seu livro, aponta uma importante formulação sobre a massa: “No fundo inteiramente conservadora, ela tem uma profunda aversão por todas as inovações e progressos e um respeito limitado pela tradição” (LE BON, 1912, p. 37 apud FREUD, 1921/2020, p. 148).

As massas nunca fizeram questão da verdade. Pelo contrário, Freud enuncia que elas requerem ilusões, essas das quais não podem renunciar. Nas massas, o irreal tem preferência sobre o real, ou seja, o que não é verdadeiro as influencia fortemente tanto quanto o que é realmente verdade. Não há distinção entre o que é real ou não. Outro importante destaque diz respeito ao fato de que as afirmativas de Le Bon falam sobre as massas efêmeras, que se juntam rapidamente com indivíduos heterogêneos, por interesses passageiros, sendo inegável o fato de que as características das massas revolucionárias, principalmente na grande Revolução Francesa, influenciaram essas descrições.

Freud recorre ao autor William McDougall que, em seu livro *The group mind* (1920), discorre sobre o fator da organização. O autor acredita que as massas mais simples não possuem organização. E esse tipo de massa, sem organização, ele nomeia como “multidão”. McDougall acredita que essa multidão de pessoas não se reúne facilmente sem que se forme ao menos um esboço de organização, e é nessas massas simples que se reconhece com maior facilidade os fatos fundamentais da psicologia coletiva. Isto é, a condição fundamental para que se forme uma massa, a partir dos membros casualmente agrupados de uma multidão, é a de que esses indivíduos tenham algo em comum, seja um interesse partilhado num objeto ou uma orientação afetiva semelhante em determinado momento. Fato é que, em consequência disso, essa massa possui um certo grau de capacidade de influência sobre os indivíduos que as compõem.

McDougall assinala que, quanto mais forte são essas coisas em comum, mais facilmente irá se formar, a partir dos indivíduos, uma massa psicológica, evidenciando as manifestações de uma “alma coletiva” como visto em Le Bon. Outro fenômeno notável observado na formação da massa, segundo McDougall, é o aumento da afetividade provocado no indivíduo. Ou seja, os afetos elevam-se de uma forma única em uma massa, proporcionando prazer aos seus membros ao entregarem-se às suas paixões, fundindo-se na massa, perdendo o sentimento da limitação individual. Isso se dá, nas palavras de McDougall, por um “princípio de indução direta da emoção por meio da resposta simpática primitiva” (MCDUGALL, 1912, p. 25 apud FREUD, 1921/2020, p. 155), ou seja, como visto em Le Bon, pelo contágio de sentimentos. Os sinais percebidos em determinado estado afetivo são apropriados para, automaticamente, também serem despertados naquele que percebe. E isto se torna mais forte quanto maior for o número de pessoas atingidas por esse afeto. Assim, a crítica do indivíduo silencia e ele se deixa levar por esse afeto.

É algo como uma força que atua obrigando o indivíduo a fazer como os outros, a permanecer de acordo com a maioria. Dessa forma, em uma massa, é mais provável que os impulsos emotivos mais simples e grosseiros se alastrem. Assim, como em Le Bon, McDougall caracteriza a conduta psíquica dessa massa simples, “desorganizada”, de forma categórica. Segundo ele, uma massa desse tipo é:

[...] extremamente excitável, impulsiva, passional, inconstante, inconsequente, indecisa e nesse aspecto, pronta para atos extremos, acessível apenas à paixões grosseiras e aos mais simples sentimentos, extraordinariamente sugestionável, imprudente em suas reflexões, violenta em seus julgamentos, receptiva apenas às conclusões e os argumentos mais simples e imperfeitos, fácil de manobrar e abalar, sem consciência de si, sem respeito por si e sem sentimento de responsabilidade, mas pronta para se deixar arrastar pela consciência de sua força para realizar toda espécie de atrocidades, que só podemos esperar somente de um poder absoluto e irresponsável. (MCDUGALL, 1912, p. 45 apud FREUD, 1921/2020, p. 157)

O autor compara a conduta dos indivíduos dessa massa ao comportamento de uma criança mal-educada, ou a “um selvagem passional e desassistido em uma situação hostil.” Ou seja, em último grau, “se assemelha mais a um bando de bichos selvagens do que com seres humanos.” (MCDUGALL, 1912, p. 45 apud FREUD, 1921/2020, p. 157).

A partir do que foi formulado pelos autores referidos, Freud recolhe o fato fundamental de que, no interior de uma massa, o indivíduo experimenta, por influência dela, uma mudança frequentemente profunda de sua atividade psíquica, e introduz a busca de uma explicação psicológica para essa transformação que acontece no indivíduo na massa. Vimos em Le Bon e McDougall a sugestão e o contágio de afetos. Freud utiliza-se desses conceitos para afirmar que

realmente existe em nós a tendência de incorrer no mesmo afeto ao percebermos sinais de um estado afetivo em outra pessoa, e questiona por que cedemos, especialmente, a esse contágio estando na massa, não conseguindo rechaçar esse afeto e reagir de maneira contrária.

Novamente, Freud afirma que é a influência sugestiva da massa que nos leva a obedecer a esta tendência à imitação, que induz em nós o afeto. Mas é importante considerar, como aborda McDougall, que as massas se destacam por uma sugestionabilidade particular. Essa afirmação, de uma condição especial de sugestão nas massas, leva Freud a predispor que o enunciado da sugestão, mais precisamente a sugestionabilidade, seria justamente um fenômeno primordial irreduzível, um dado fundamental na vida psíquica dos seres humanos. Para abordar o enigma da sugestão, Freud procura aplicar, no que tange o esclarecimento da natureza da sugestão na psicologia da massa, o conceito de “libido”, que tanto contribuiu nos seus estudos sobre as neuroses e a sexualidade.

Freud utiliza a expressão “libido” para designar a energia das pulsões relacionadas com tudo aquilo que pode ser abrangido pela palavra “amor”, cujo núcleo é, comumente falando, o amor do qual a meta é a união entre os sexos. Entretanto, não separa disso o amor a si mesmo, o amor aos pais e aos filhos, a amizade, o amor entre os seres humanos em geral e também o de objetos e ideias abstratas. Através da investigação psicanalítica, constata que todas essas tendências seriam expressão dos mesmos impulsos pulsionais que nas relações entre os sexos remetem à união sexual, que em outras circunstâncias são inibidos nessa meta, mas sempre conservam o bastante da sua natureza original, o suficiente para manter essa identidade reconhecível. Freud acredita que a palavra “amor” em sua concepção linguística, com seus múltiplos sentidos, faz uma síntese perfeitamente justificada, e por isso a utiliza na investigação psicanalítica. As pulsões amorosas vão ser chamadas, preferencialmente, e devido à sua origem, de pulsões sexuais.

Ele apresenta a hipótese de que “as relações amorosas (expresso de modo neutro: ligações sentimentais) também constituem a essência da alma da massa” (FREUD, 1921/2020, p. 164), e se apoia em duas reflexões primordiais:

Primeiro, que a massa é claramente mantida coesa por alguma espécie de força. Mas a que outra força poderíamos atribuir essa realização se não a Eros, que mantém unido tudo o que há no mundo? Segundo, que obtemos a impressão de que, quando o indivíduo na massa desiste de sua singularidade e se deixa sugestionar pelos outros, ele o faz porque nele há uma necessidade de antes estar de acordo e não em oposição a eles, talvez, portanto, ‘por amor a eles’. (FREUD, 1921/2020, p. 164).

Com isso, Freud introduz suas reflexões sobre o que denomina “Duas massas artificiais: A Igreja e o Exército” (p. 164). Lembra que existem espécies bem diferentes de massas e direções opostas na sua formação. Existem as massas bastante passageiras e outras bem duradouras; massas homogêneas, que são constituídas por indivíduos do mesmo tipo e as não homogêneas; massas naturais e artificiais, ou seja, que requerem uma força externa para se manterem; existem também as massas primitivas e diferenciadas, altamente organizadas.

Neste momento de suas formulações, Freud introduz um elemento novo pouco estudado pelos autores, a função do líder. Através dessa introdução, ele se propõe a investigar a distinção específica das massas, entre aquelas que possuem líder e aquelas que não têm líder. Toma como objeto as massas organizadas, duradouras e artificiais, tais como a Igreja, a comunidade dos crentes e as forças armadas, o Exército.

Segundo Freud, Igreja e Exército são massas artificiais, o que significa dizer que existe uma certa coação externa empregada nessas massas para evitar sua dissolução e impedir mudanças na sua estrutura. Tomando a Igreja católica como exemplo, diz que prevalece, tal como no Exército, a mesma simulação (ilusão) de que há um chefe supremo. Isto é, na Igreja católica, essa figura suprema é representada por Cristo e no Exército pelo general, estes supostamente amam com o mesmo amor todos os indivíduos da massa.

Freud afirma que tudo depende dessa ilusão. Uma vez que essa ilusão é abandonada, imediatamente se desmanchariam tanto a Igreja como o Exército. Esse amor a todos, do qual Freud se refere, é reconhecido principalmente nos mandamentos de Cristo. Ele se relaciona com os indivíduos da massa crente como um bondoso irmão mais velho, como um substituto paterno para eles. Freud demarca o traço democrático na Igreja, devido a concepção de que diante de Cristo todos são iguais, todos partilham igualmente o seu amor. Por isso, a semelhança entre comunidade cristã e família é a razão para os crentes se denominarem irmãos em Cristo, irmãos pelo amor que Cristo lhes têm. A ligação de cada indivíduo a Cristo vai ser também a causa da ligação deles entre si. Isso também vale para o Exército, onde o general é o pai, que ama igualmente a todos os seus soldados, e por isso são camaradas entre si.

Um importante destaque é o fato de que nessas duas massas artificiais cada indivíduo, por um lado, se encontra ligado libidinalmente ao líder (Cristo no caso da Igreja e general no Exército), e por outro lado, aos outros indivíduos da massa. Dessa forma, Freud aponta para a relevância do líder na psicologia da massa, isto é, um indício de que a essência da massa reside nas ligações libidinais nela existentes é reconhecido através do pânico, que pode ser melhor observado nas massas militares.

Segundo Freud, o pânico surge quando uma massa desse tipo se desintegra. Ou seja, quando as ordens do superior não são mais ouvidas e cada um passa a cuidar apenas de si, sem consideração pelos demais. As ligações mútuas acabam e uma angústia enorme é liberada. O medo que surge no indivíduo nessas situações pode ser provocado pela magnitude do perigo ou pela interrupção dos laços afetivos.

A desintegração de uma massa religiosa, por sua vez, seria um fenômeno mais difícil de observar. Freud aponta que numa imaginária desintegração de uma massa religiosa, não seria o medo que prevaleceria, mas sim impulsos descontrolados e hostis contra as outras pessoas que, devido ao amor comum a Cristo, não haviam se manifestado até então. Mesmo durante o reinado de Cristo, isso acontece com os indivíduos de fora da comunidade de fé. Ainda que a religião se denomine uma religião do amor, ela tem de ser dura e sem amor com aqueles que não pertencem a ela. No fundo, toda religião só é uma religião de amor para aqueles que a ela pertencem, e tende à crueldade e à intolerância para com os não seguidores.

Para Freud, o princípio fundamental para ajudar a nortear a análise dessas questões se encontra na consideração de que são ligações libidinais que caracterizam a massa.

Conforme o testemunho da psicanálise, quase toda relação sentimental prolongada e íntima, isto é, matrimônio, amizade, vínculo entre pais e filhos, contém um sedimento de afetos de hostilidade e aversão que apenas devido ao recalque não é percebido. Isso é mais evidente, por exemplo, nas relações entre sócios de uma firma ou nas queixas de um subordinado com seu superior. Segundo Freud, o mesmo ocorre em unidades maiores. Como exemplos, toda vez que duas famílias se unem por casamento, cada uma delas se acha superior a outra. Entre duas cidades vizinhas, há uma concorrência uma com a outra. Etnias semelhantes se repelem, o alemão do sul não tolera o alemão do norte, o inglês não tolera o escocês, o espanhol hostiliza o português. Essas situações manifestam o que Freud designa como “narcisismo das pequenas diferenças” (1918). Quando essa aversão se dirige para as pessoas amadas, refere-se à ambivalência de sentimentos, e isso se explica pelas ocasiões de conflitos de interesses que surgem nas relações íntimas. Já nas antipatias e aversões evidentes para com estranhos que se acham próximos, é notável a expressão de um amor a si próprio. Um narcisismo que se empenha na afirmação de si. Nesse tipo de comportamento dos indivíduos, manifesta-se uma prontidão para o ódio, uma agressividade cuja procedência até então era desconhecida, mas à qual se pode atribuir um caráter elementar.

Porém, toda essa intolerância desaparece, temporariamente ou de maneira duradoura, por meio da formação de massa e dentro da massa. Enquanto a formação de massa se mantém, os indivíduos se conduzem como se fossem homogêneos, suportam a especificidade do outro,

igualam-se e não sentem repulsa por ele. Freud remete-se ao que é formulado em “Introdução ao narcisismo” (1914) ao afirmar que essa tal limitação do narcisismo só pode ser produzida por um fator, pela ligação libidinal a outras pessoas. “O amor por si próprio só encontra uma barreira no amor pelo outro, no amor por objetos.”(FREUD, 1921/2020, p. 176).

Portanto, se na massa aparecem restrições ao amor-próprio narcisista, significa dizer que “a essência da formação de massa consiste de ligações libidinais de um novo tipo entre os membros da massa” (FREUD, 1921/2020, p. 177). Essa afirmação leva Freud ao seguinte questionamento: de que espécie, afinal, são estas ligações no interior da massa? Para respondê-lo, recorre a um mecanismo fundamental de ligação afetiva, a identificação.

Ele parte da premissa de que “A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa.” (FREUD, 1921/2020, p. 178). A identificação desempenha um papel central na pré-história do complexo de Édipo, onde o garoto revela um interesse especial por seu pai, em que gostaria de crescer e ser como ele, tomar o lugar dele em todas as situações. Ou seja, toma o pai como seu ideal. No complexo de Édipo, o menino percebe que o pai é um obstáculo entre ele e sua mãe; sua identificação com o pai assume, então, uma tonalidade hostil, e torna-se um desejo de substituir o pai também junto à mãe. Desde o início, a identificação é ambivalente, pode tornar-se tanto expressão de ternura quanto desejo de eliminação. Ou seja, ela carrega uma carga de agressividade.

A identificação almeja configurar o próprio Eu de maneira semelhante ao outro tomado como ‘modelo’ (FREUD, 1921/2020, p. 179). O conceito de “ideal do Eu”, tal como formulado em “Luto e Melancolia” (1917), é retomado por Freud para situá-lo como uma instância que pode se separar do resto do Eu e entrar em conflito com ele. No “ideal do Eu”, são atribuídas as funções de auto-observação, consciência moral, censura e a principal influência no recalque. O “ideal do Eu” é herdeiro do narcisismo original, onde o Eu infantil bastava a si mesmo. Gradativamente, ele acolhe, através das influências do meio, as exigências que este coloca ao Eu, as quais o Eu nem sempre é capaz de cumprir. E, por isso, o indivíduo, quando não pode estar satisfeito com seu Eu em si, encontra satisfação no ideal do Eu que se diferenciou do Eu.

Dessa forma, ao abordar a questão do enamoramento, Freud o define como “um investimento de objeto por parte das pulsões sexuais para fins de satisfação sexual direta, investimento que, no entanto, extingue-se assim que essa meta é alcançada; isso é o que chamamos de amor comum, sensual” (FREUD, 1921/2020, p. 186).

Entretanto, junto a isso, é no singular desenvolvimento da vida amorosa do ser humano que surge outro fator. Freud elucida que, na primeira fase, aos cinco anos de idade, a criança acha em um dos pais o primeiro objeto de amor, no qual se haviam reunido todas as suas pulsões

sexuais que demandavam satisfação. O recalque que advém depois impõe à criança que renuncie a maioria dessas metas sexuais infantis, acarretando uma profunda mudança na relação com os pais. A criança continua ligada aos pais, mas agora com pulsões “inibidas em sua meta”. Os sentimentos que ela tem por essas pessoas amadas dali em diante são agora, então, denominados como “ternos”.

Assim, Freud define que a intensidade do enamoramento pode ser definido dessa mesma forma, em contraste ao puro desejo sensual. Pode ser medida segundo a contribuição das pulsões de ternura inibidos em sua meta. É no quadro desse enamoramento que se encontra a propensão à idealização.

Mas, com isso, é mais fácil nos orientarmos; nós reconhecemos que o objeto é tratado como se fosse o próprio Eu, que, portanto, no enamoramento, uma medida maior de libido narcísica transborda sobre o objeto. Em algumas formas de escolha amorosa, salta até mesmo à vista que o objeto sirva para substituir um ideal do Eu próprio, mas não alcançável. Ele é amado por causa das perfeições que se almeja para o próprio Eu e as quais agora gostaria de obter, por esse desvio, para a satisfação de seu narcisismo. (FREUD, 1921/2020, p. 187-188)

Com efeito, se a superestimação sexual e o enamoramento crescem ainda mais, Freud afirma que assim a interpretação do quadro fica mais nítida. Como exemplo, cita os casos do amor infeliz, irrealizável, onde a cada satisfação sexual a superestimação sexual encontra uma redução. Em simultâneo a essa entrega do Eu ao objeto, deixam de operar completamente as funções do ideal do Eu. Dessa maneira, cala-se a crítica exercida por essa instância; em que “tudo o que o objeto faz e exige é correto e inatacável. A consciência moral não encontra aplicação para tudo que ocorre em favor do objeto; na cegueira amorosa nos tornamos criminosos sem remorso.” (FREUD, 1921/2020, p. 188). Em suma, “O objeto colocou-se no lugar do ideal do Eu” (FREUD, 1921/2020, p. 188).

Nessa fórmula, Freud demarca a diferença entre a identificação e o enamoramento. No primeiro caso, o Eu se enriqueceu com os atributos do objeto, como se tivesse o introjetado. No segundo caso, o Eu está empobrecido, entregou-se ao objeto, colocou-o no lugar de seu mais importante componente. Em resumo, no caso da identificação, o objeto foi perdido ou renunciou-se a ele; então é novamente instaurado no Eu, e este se altera conforme o modelo do objeto perdido. No caso do enamoramento, o objeto foi conservado, e como tal é sobreinvestido por parte e à custa do Eu.

Em relação à identificação, Freud assinala que ela necessariamente pressupõe a renúncia do investimento objetal, e se pergunta: não pode haver identificação conservando-se o objeto?

A essência dessa questão se encontra, todavia, em outra alternativa, a saber, “se o objeto é colocado no lugar do Eu ou do Ideal do Eu” (FREUD, 1921/2020, p. 189).

Assim, Freud aproxima o enamoramento da hipnose. A mesma humilde sujeição, mesma docilidade e ausência de crítica ante o hipnotizador, existe diante do objeto amado. Não há dúvida, afirma Freud, o hipnotizador assume o lugar do ideal do Eu. O hipnotizador é o único objeto e nenhum outro recebe atenção além dele. A relação hipnótica é uma irrestrita entrega enamorada que se acha excluída a satisfação sexual, enquanto no enamoramento, esta é deixada em segundo plano, como possível meta futura.

Por outro lado, Freud também argumenta que a relação hipnótica é uma espécie de formação de massa a dois. Isso nos indica o caráter da relação da massa com o líder. Ainda que a hipnose se distinga da formação da massa, devido a essa limitação do número, como também se distingue do enamoramento, por descartar impulsos sexuais diretos, Freud atribui à hipnose grande importância na formação da massa, ao afirmar que ela resolve o enigma da constituição libidinal de uma massa.

Segundo ele, cada indivíduo é um componente de muitos grupos, têm múltiplos laços por identificação, e construiu seu ideal do Eu segundo os mais diversos modelos. Cada indivíduo participa da alma de muitos grupos, daquele de sua raça, nacionalidade, classe, fé etc. Essas são formações grupais duradouras e estáveis, cujos efeitos são uniformes e constantes, diferindo dos grupos rapidamente formados, transitórios, caracterizados por Le Bon quando se refere à alma dos grupos. Nesses grupos efêmeros, desaparece o que se reconhece como aquisição individual, ainda que apenas temporariamente.

Segundo Freud, esse fato demonstra como o indivíduo renuncia ao seu ideal do Eu e o troca pelo ideal da massa corporificado no líder, como visto anteriormente. Como pontos importantes para a psicologia das massas, destaca: a distinção entre a identificação do Eu (com um objeto) e a substituição do ideal do Eu por um objeto. Essa distinção é bem representada pelos dois grupos artificiais expostos no início, o Exército e a Igreja cristã. Isto é, afirma que é evidente que o soldado toma por ideal o seu superior, o líder do Exército, enquanto, ao mesmo tempo, se identifica com seus iguais e deriva dessa comunidade do Eu as obrigações de ajuda mútua e divisão de bens, que a camaradagem presente no Exército proporciona.

Entretanto, Freud sustenta que o soldado é ridicularizado quando quer se identificar com o general. O mesmo não acontece na Igreja católica, uma vez que cada cristão ama a Cristo como seu ideal e sente-se ligado aos outros cristãos pela identificação. Porém, a Igreja exige mais do cristão ao pedir que ele se identifique com Cristo amando os outros cristãos tal como Cristo os amou. Logo, nos dois pontos, a Igreja requer que a posição libidinal dada pelo grupo

seja completada. A identificação deve ser acrescentada onde houve a escolha de objeto; e o amor ao objeto, onde existe identificação. Essa exigência a mais Freud acredita que claramente ultrapassa a constituição do grupo.

Outro ponto é o fato de que seria possível indicar ao longo da constituição psíquica da humanidade o momento em que, também para o indivíduo, se efetuou o progresso da psicologia das massas para a psicologia individual. Essa indicação tem origem no mito científico ao pai da horda primordial. Em “Totem e Tabu” (1912-1913), esse pai é elevado a criador do mundo, pois havia gerado todos os filhos que compunham o grupo originário. Ele era o ideal de cada um deles, venerado ao mesmo tempo que temido, algo que posteriormente resultaria na noção de tabu. Em certa ocasião, esses filhos se juntam, o matam e o despedaçam. Entretanto, nenhum dos membros vencedores pôde assumir seu lugar, tendo que renunciar à herança do pai. Dessa forma, formou-se a comunidade totêmica de irmãos, todos com direitos iguais e unidos pela proibição do totem.

Esse tempo de privação nostálgica pode ter levado um indivíduo a se desligar do grupo e assumir papel de pai, tal como no mito do herói. Este herói seria aquele que sozinho havia matado o pai, que no mito ainda se apresentava como monstro totêmico. Assim, como o pai fora o primeiro ideal do garoto, agora se criava o primeiro ideal do Eu no herói que substituiria o pai. Portanto, o mito é o passo com que o indivíduo emerge da psicologia da massa.

Freud analisa, comparativamente, do ponto de vista da teoria da libido, o enamoramento, a hipnose, a formação de massas e a neurose. O enamoramento “baseia-se na presença simultânea de anseios sexuais diretos e de anseios sexuais inibidos quanto à meta, e o objeto atrai para si uma parte da libido narcísica do Eu. Ele só tem espaço para o Eu e para o objeto” (FREUD, 1921/2020, p. 224). Já a hipnose tem em comum com o enamoramento o fato de restringir-se também a essas duas pessoas. Contudo, sua diferença está no fato de que se baseia completamente em impulsos sexuais inibidos na meta e põe o objeto no lugar do ideal do Eu. A massa, tema central da presente pesquisa, é, para Freud, um multiplicador deste processo, assemelhando-se com a hipnose na natureza das pulsões que a mantém unida e quanto à substituição do ideal do Eu pelo objeto. Entretanto, nela se verifica o acréscimo da identificação com outros indivíduos, que originalmente foi tornado possível pela mesma relação com o objeto.

1.1 A multidão de 2013

As grandes manifestações públicas de junho de 2013, também conhecidas como Manifestações dos 20 centavos, Manifestações de Junho ou Jornadas de Junho, foram várias manifestações populares por todo o país que inicialmente surgiram para contestar os aumentos nas tarifas de transporte público em São Paulo. Em seu início, restrito a poucos milhares de participantes, os atos pela redução das passagens contaram com um grande apoio popular em meados de junho, em especial após a forte repressão policial contra os manifestantes, cujo ápice se deu no protesto do dia 13 em São Paulo. Quatro dias depois, um grande número de pessoas tomou parte das manifestações nas ruas em novos diversos protestos por várias cidades brasileiras e até no exterior. Rapidamente, essas manifestações se alastraram para o Rio de Janeiro, por exemplo, com a mesma proporção de pessoas. No começo, eram cerca de quatrocentos mil manifestantes, atingindo a marca de um milhão nos dias seguintes. Na época, as imagens que circulavam na televisão e na internet mostravam o grande número de pessoas que ocupavam as principais capitais em questão. Essa disseminação não ficou restrita às capitais dos demais estados do país, mas também se deslocou para cidades de médio porte que também foram às ruas para protestar contra o aumento indevido das tarifas dos transportes coletivos, de acordo com as direções do Movimento Passe Livre (MPL) (MORENO, 2013).

A pauta do aumento da tarifa dos transportes coletivos ganha importância, porque representa uma parte considerável do cotidiano da classe trabalhadora. Diversos problemas são encontrados nas redes de transportes públicos do país. Dentre eles, a precarização dos seus serviços, além do fato de sua distribuição ser desigual entre as partes mais centrais e mais periféricas das cidades brasileiras, além do longo tempo que os usuários levam dentro dos transportes para chegar e voltar dos seus trabalhos. Tal cenário, levou a população a se manifestar pelo direito de melhores condições na mobilidade urbana. Inicialmente convocadas

pelo Movimento Passe Livre¹, em determinado momento as manifestações tomaram um rumo diferente do que propunham as convocações do MPL e se desdobraram em diversas pautas: contra a corrupção, os políticos, os partidos políticos, o governo, com críticas aos serviços públicos (PINTO, 2017).

O efeito imediato na época das manifestações foi a queda da popularidade dos políticos e, principalmente, da então presidenta na ocasião, Dilma Rousseff, que se pronunciou publicamente algumas vezes para tentar contornar os impactos e os impasses criados pela nova cena política (MORENO, 2013). Mais tarde, esses fatos culminaram em seu processo de destituição, como veremos adiante em outros momentos deste trabalho.

A partir disso, surge outra importante característica das manifestações de junho de 2013. O fato é que os manifestantes evidenciaram sua crítica à corrupção no exercício da política de diversas formas, uma das mais importantes sendo o repúdio à participação dos partidos políticos nas manifestações, mesmo aqueles representados como de esquerda, pois fariam parte da política tradicional que não representava mais parte da sociedade civil.

Além disso, é preciso destacar a multiplicidade das palavras de ordem, expressão de grupos e segmentos sociais diferentes que compunham a multidão de manifestantes, marcada pela descentralização. Um exemplo muito marcante de uma estética presente nessas manifestações foi a de um certo estrato de manifestantes que se vestiram com camisas da Confederação Brasileira de Futebol para representar a noção da não representação partidária, dando ênfase à dimensão de nação, do País Brasil. Posteriormente, tal signo seria reapropriado por outros movimentos políticos, principalmente nas manifestações de 2015, como veremos mais à frente neste trabalho.

No calor dos acontecimentos, vários autores enfatizaram o caráter múltiplo das manifestações de 2013, assim como a pregnância da horizontalidade dos laços em sua forma de

¹ O MPL se define, segundo sua página oficial na internet, como: “O Movimento Passe Livre (MPL) é um movimento social autônomo, apartidário, horizontal e independente, que luta por um transporte público de verdade, gratuito para o conjunto da população e fora da iniciativa privada. O MPL é um grupo de pessoas comuns que se juntam há quase uma década para discutir e lutar por outro projeto de transporte para a cidade. Estamos presentes em várias cidades do Brasil e lutamos pela democratização efetiva do acesso ao espaço urbano e seus serviços a partir da Tarifa Zero! O MPL foi batizado na Plenária Nacional pelo Passe Livre, em janeiro de 2005, em Porto Alegre. mas antes disso, há seis anos, já existia a Campanha pelo Passe Livre em Florianópolis. Fatos históricos importantes na origem e na atuação do MPL são a Revolta do Buzu (Salvador, 2003) e as Revoltas da Catraca (Florianópolis, 2004 e 2005). Em 2006 o MPL realizou seu 3o Encontro Nacional, com a participação de mais de 10 cidades brasileiras, na Escola Nacional Florestan Fernandes, do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Em 2013, impulsionado pela revogação do aumento em mais de 100 cidades, ocorreu o 4o Encontro Nacional.”. Disponível em: <<https://www.mpl.org.br>>. Acesso em: 07 set. 2022.

organização, entre eles, Castells (2013) e Birman (2014) que, de alguma maneira, saudaram a novidade que elas trouxeram.

Birman (2014), ao reconhecer esse caráter múltiplo das manifestações de 2013, apontava para o fato de que essa disseminação e descentralização das palavras de ordem caracterizavam uma organização por laços horizontais, isto é, sem uma representação política propriamente dita, na forma de laços sociais verticais. Essa forma de organização se deu principalmente pelo fato das redes sociais terem sido os meios de comunicação principais utilizados pelos manifestantes. A convocação e os comentários permanentes sobre os acontecimentos se faziam de forma rápida e instantânea através da internet, dos telefones celulares e pelas redes sociais, atingindo milhares de pessoas ao mesmo tempo através do espaço virtual.

Nesse contexto, ao delimitar essas características das manifestações de 2013 como uma modalidade de organização coletiva, descentralizada e disseminada, Birman (2014) coloca em evidência a desconstrução da organização de massas e aponta para a constituição do conceito de multidão. Para isso, utiliza-se do conceito de multidão visto em Negri e Hardt (2001; 2005) onde estes afirmam:

[...] que se a organização de massa, que teve como correlato a existência da linha vertical na sua espacialidade e que se centrava na figura carismática do líder, foi a marca da modernidade política desde o final do séc XVIII, a multidão seria, em contrapartida, o que caracterizaria as aglomerações públicas na contemporaneidade. (NEGRI; HARDT, 2001; 2005 apud BIRMAN, 2014, p. 36).

Birman afirma que as manifestações de junho de 2013 guardavam similaridades com os movimentos sociais da Europa e dos Estados Unidos ocorridos após a crise econômica de 2008. Os movimentos denominados “Os Indignados”, na Espanha, e o “Occupy Wall Street”, nos Estados Unidos, apresentavam o mesmo quadro organizativo:

[...] caracterizado pela horizontalização dos laços sociais, acoplada à disseminação e à dispersão de seus participantes, sem esquecer, é claro, da transversalidade que as caracterizava. Da mesma forma a internet, os telefones celulares e as redes sociais foram os dispositivos tecnológicos que catalisaram tais movimentos sociais gigantescos, e foram também os jovens os que mais se implicaram nestas manifestações públicas. (BIRMAN, 2014, p. 36)

Castells (2013), por sua vez, antes mesmo dos acontecimentos de 2013 no Brasil, ao analisar outros movimentos sociais organizados e convocados por meio das redes sociais, já apontava, por meio do exemplo dos movimentos sociais ocorridos no mundo árabe, a revolução na Tunísia e no Egito (2010-2011), que também foram convocadas pela internet, pelos celulares

e pelas redes sociais, que tais revoluções foram organizadas de maneira horizontal e a disseminação das suas demandas estava voltada para a queda da soberania do poder político. Pode-se afirmar que nestas revoluções não houve uma organização de massa propriamente dita, tal como concebida por Freud, centrada na figura carismática do líder situada em posição vertical sobre os demais manifestantes. O que as catalisou foi a presença de uma multidão dispersa e disseminada. Em seu posfácio à primeira edição brasileira, Castells (2013) inclui uma breve análise sobre as Jornadas de Junho na qual afirma:

Aconteceu também no Brasil. Sem que ninguém esperasse. Sem líderes. Sem partidos nem sindicatos em sua organização. Sem apoio da mídia. Espontaneamente. Um grito de indignação contra o aumento do preço dos transportes que se difundiu pelas redes sociais e foi se transformando no projeto de esperança de uma vida melhor, por meio da ocupação das ruas em manifestações que reuniram multidões em mais de 350 cidades. (p. 270)

O autor encerra esse posfácio em tom esperançoso: “Pois o que é irreversível no Brasil como no mundo é o empoderamento dos cidadãos, sua autonomia comunicativa e a consciência dos jovens de que tudo que sabemos do futuro é que eles o farão. Móbil-izados.” (p. 274)

As análises de Birman (2014) e Castells (2013) representam uma determinada visão presente à época, em que se acreditava que a internet e as redes sociais seriam apenas instrumentos facilitadores da comunicação, que possibilitaram a reunião de insatisfações e demandas políticas diversas, em manifestações marcadas pela espontaneidade a partir de laços horizontais. Nas palavras de Birman, “a internet e as redes sociais foram os dispositivos tecnológicos que catalisaram tais movimentos sociais gigantescos” (Birman, 2014, p. 36). Essas manifestações teriam características de multidão e não de massa, pela ausência do líder, mas seriam capazes de provocar revoluções, como assinala Castells, ao se oporem ao poder estabelecido. O que ambos não consideraram, naquele momento, foi o forte poder das redes sociais como instrumento de mobilização política a partir da crença em uma neutralidade no uso desses dispositivos tecnológicos. Ao invés de espontâneas, pode-se dizer que essas manifestações responderam a um chamado das redes que, por sua vez, são plataformas digitais orientadas por determinados interesses econômicos e políticos. Rinaldi (2021), à respeito desse “chamado das redes” e dos movimentos convocados por ele, nos fala:

Ao contrário do Exército e da Igreja, protótipos de massas altamente organizadas, permanentes e artificiais, são massas transitórias, mas cujos efeitos são bastante efetivos, a ponto de destituir governos democraticamente eleitos e promover “revoluções” sem o uso de armas. O traço que os caracteriza é a negação radical do sistema, do status quo e da representação política tradicional, atendendo a uma convocação: mudança. (RINALDI, 2021, p. 59)

Essas considerações nos levam à obra *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921/2020a) em que encontramos a valiosa contribuição de Freud acerca da formação de massas. Neste texto, ele procura responder a uma questão principal: o que converte as massas em massas? Em sua investigação, aborda William McDougall, que, em seu livro *The Group Mind* (1920), discorre sobre o fator da organização das massas. McDougall acredita que as massas mais simples não possuem organização. E esse tipo de massa, de caráter transitório, é nomeada por ele como “multidão”. Entretanto, McDougall afirma que essa multidão de pessoas não se reúne facilmente, sem que se forme ao menos um esboço de organização. E são justamente nessas massas mais simples que se reconhece com maior facilidade os fatos fundamentais da psicologia coletiva. Isto é, a condição fundamental para que se forme uma massa, a partir de membros casualmente reunidos de uma multidão, é de que esses indivíduos tenham algo em comum, seja um interesse partilhado num objeto ou uma orientação afetiva semelhante em determinado momento. Por consequência, essa massa possui um certo grau de capacidade de influência dos indivíduos que a integram, uns sobre os outros. McDougall assinala que quanto mais forte são essas coisas em comum, mais facilmente irá se formar, a partir dos indivíduos, uma massa psicológica, evidenciando as manifestações de uma “alma coletiva”, como propõe Le Bon. (LE BON, 1912, p. 14 apud FREUD, 1921/2020a, p. 140-141)

Nesta perspectiva, o fator mais crucial que se evidenciou no Brasil, nas manifestações de junho de 2013, foi o quadro organizativo desses protestos, caracterizado pelo fato de a internet, os telefones celulares e as redes sociais terem sido os dispositivos tecnológicos que catalisaram esse movimento social, com a presença massiva da população jovem. Diante disso, dessas manifestações de massas que supostamente não se sentem mais representadas pela organização política tradicional, podemos questionar: como essas massas se formam? Qual é o poder das redes de suggestionar ou mesmo hipnotizar as pessoas, tocando-as em seus interesses mais particulares e conduzindo-as a encampar determinadas ideias e visões de mundo? Qual é o papel do líder, destacado por Freud, nessa nova forma de convocação política através das redes sociais?

É preciso considerar ainda, ao analisar as manifestações de 2013, o fato delas terem produzido a “matéria-prima” (PINTO, 2017) que semeou a construção dos discursos revelados nas grandes manifestações de 2015. Isto é, na diversidade presente na multidão de 2013 existia, como visto por Singer (2018), uma presença de manifestantes reivindicando pautas conservadoras como “redução da maioria penal”, entre outras. Isso ocasionou a desmobilização do movimento MPL (Movimento Passe Livre), que anunciou que não

convocaria novas jornadas. A partir daí, as jornadas de junho se concentraram em iniciativas parciais e com propósitos específicos: redução dos pedágios, derrubada da PEC 37², rejeição ao Programa Mais Médicos³, manifestação contra os gastos públicos para a Copa do Mundo de 2014 etc. (SINGER, 2018, p. 107). Essas pautas, apropriadas pela mídia conservadora e por movimentos de direita, tinham como objetivo atingir e desmobilizar ainda mais o governo da presidenta Dilma Rousseff e o Partido dos Trabalhadores (PT), questionando-os fortemente, com o apoio da elite financeira e empresarial. Essa investida conservadora prenunciava uma radicalização política que estava por vir nas manifestações populares dos próximos anos, consequências que, naquele ano, ainda não era possível prever, mas que estavam se consolidando e motivando ações futuras.

1.2 A massa de 2015

Nos anos que sucederam as manifestações de 2013, até os dias atuais, importantes acontecimentos da cena política se desdobraram no Brasil. No ano de 2014, foram realizadas eleições presidenciais em que houve um acirramento da disputa, especialmente no segundo turno, entre a candidata a um segundo mandato, Dilma Rousseff (PT), e Aécio Neves (PSDB). Em 26 de outubro de 2014, Dilma Rousseff vence as eleições com 51,64% dos votos válidos contra Aécio Neves, com 48,36% (NA DISPUTA..., 2014), enfraquecida após as manifestações de 2013, que foram apropriadas pela mídia conservadora e pela direita. A presidenta eleita iniciou seu segundo mandato em janeiro de 2015 em meio à grave crise econômica e política. A crise econômica levou o governo a tomar medidas impopulares, incluindo cortes bilionários no orçamento e aumento de impostos (MÁXIMO, 2014). Em paralelo, revelações da operação

² PEC 37 foi uma proposta de emenda constitucional que vetava a possibilidade do Ministério Público promover investigações criminais e, caso aprovada, esse poder de investigação criminal seria exclusivo das polícias federais e civis. Disponível em: <<https://memoria.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/06/entenda-o-que-e-a-pec-37>>. Acesso em: 07 set. 2022.

³ O Programa Mais Médicos foi lançado em 8 de julho de 2013 pelo Governo da presidenta Dilma, cujo objetivo era o de suprir a carência de médicos nos municípios do interior e nas periferias das grandes cidades do Brasil. O programa levou 15 mil médicos para as áreas onde faltavam profissionais, importando quatro mil médicos de Cuba. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/09/130902_mais_medicos_mm?ocid=socialflow_facebook_brasil> e <<http://maismedicos.gov.br/conheca-programa#:~:text=O%20Programa%20Mais%20Médicos%20%28PMM%29%20é%20parte%20de,aos%20usuários%20do%20Sistema%20Único%20de%20Saúde%20%28SUS%29>>. Acesso em: 07 set. 2022.

Lava Jato (criada em 2014), envolvendo políticos governistas e alguns opositores, acentuaram-se. Esses fatos levaram ao descontentamento de parte da população com o governo re-eleito, que se estendeu depois de 2014 (MATOSO, 2015). Inicialmente, liderado pelo candidato derrotado Aécio Neves e por outros políticos também derrotados nas eleições, iniciou-se um intenso processo de oposição direta à presidenta eleita. Um acontecimento importante da época foi o fato de o PSDB (partido de Aécio Neves) ter aberto um pedido de auditoria no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) a fim de apurar a “lisura” da eleição presidencial. O texto protocolado pelo partido argumenta que a confiabilidade da apuração e a infalibilidade da urna eletrônica foram questionadas pela população nas redes sociais, e por isso a importância de abrir o processo, a fim de sanar essa questão fomentada pelas redes (PSDB..., 2014).

Um movimento político dessa oposição foram os “panelaços”, forma que a população encontrou de demonstrar sua insatisfação com o governo, batendo panelas nas janelas ou sacadas de suas residências, e buzinando seus carros quando eram transmitidos os pronunciamentos da presidenta Dilma Rousseff pela TV (TESHAINER; LARA JUNIOR; DUNKER, 2018).

O primeiro “panelaço”, ocorrido em 8 de março de 2015, durante o pronunciamento da presidenta Dilma Rousseff sobre o Dia da Mulher, foi percebido em bairros de classe média alta em diversas capitais brasileiras. Essas pessoas, de suas janelas e portas, batiam panelas, usavam apitos e ressoavam vaias em sinal de protesto à presidenta e ao Partido dos Trabalhadores (PT) (TESHAINER; LARA JUNIOR; DUNKER, 2018). O acirramento expressivo dessas eleições, fomentado pelos movimentos de 2013, deixou evidente a existência de forças políticas contrárias ao governo eleito, com o apoio de uma parcela significativa da população, o que resultou nas manifestações de rua em 2015. O Movimento Brasil Livre (MBL), um agrupamento político, foi o principal responsável pela convocação das manifestações contra o governo de Dilma Rousseff em 2015 (GONZATTO, 2015). O grupo é sediado em São Paulo e, segundo o *The Economist*, foi “fundado no último ano para promover as respostas do livre mercado para os problemas do país” (CARLOS, 2015). Em manifesto publicado na internet (MBL, [s.d.]), o MBL cita seus cinco objetivos: “imprensa livre e independente, liberdade econômica, separação de poderes, eleições livres e idôneas e fim de subsídios diretos e indiretos a ditaduras”.

Em uma entrevista, Amaral (2016), jornalista que atua no jornalismo independente desde 1997, revela que o MBL nasceu dentro da franquia “*Students for Liberty*”, grupo americano com representações no mundo todo e sustentado por fundações americanas de alinhamento político de direita, ligadas aos irmãos Koch, que são donos da segunda maior

empresa privada dos Estados Unidos, do ramo petrolífero. Ligadas também aos chamados “*libertarians americans*” que pregam o Estado minúsculo, a substituição de políticas públicas de inclusão pela mera meritocracia, a ausência de regulação da economia e a redução da carga tributária. Segundo Amaral, o objetivo do movimento é influenciar os partidos de direita e não necessariamente constituir um novo partido (MOVIMENTO BRASIL LIVRE..., 2016).

No dia 15 de março de 2015, ocorreram os primeiros protestos em todos os estados brasileiros em ao menos 160 cidades. As estimativas totais de participantes variam: enquanto as polícias militares estimam entre um milhão e quatrocentos mil pessoas e dois milhões e quatrocentos mil pessoas, os organizadores afirmam que estavam presentes três milhões de pessoas (MAPA..., 2015). O protesto ocorrido na cidade de São Paulo foi o maior de todos, com uma estimativa de um milhão de manifestantes na Avenida Paulista e adjacências (GADELHA, 2015). O discurso predominante entre os manifestantes nesse protesto pedia o impeachment da presidente Dilma e a responsabilização do Partido dos Trabalhadores (PT) pelo escândalo de corrupção na Petrobras (GADELHA, 2015). Outro elemento presente nessas manifestações, que lhe dava uma tonalidade característica, era a vestimenta da maioria dos manifestantes, com as cores da Bandeira do Brasil e as camisetas da Seleção Brasileira de Futebol (MANIFESTANTES..., 2015).

A atmosfera desses protestos era de descontração, e muitos manifestantes aproveitaram para tirar “selfies” com policiais (BERGAMIM JR; AGOSTINI, 2015). Essa manifestação assumia outro tom em comparação com as que aconteceram em 2013. Um exemplo disso foi o fato de que o governo de São Paulo liberou, pela primeira vez em um protesto, as catracas do metrô de São Paulo para os manifestantes (MANIFESTAÇÕES..., 2015). Durante certo tempo, inclusive, os manifestantes puderam passar pelas catracas livremente sem a cobrança de passagem (AGOSTINI, 2015). Entretanto, nas manifestações de junho de 2013, a Polícia Militar usou balas de borracha e bombas de efeito moral para impedir que manifestantes pulassem as catracas das estações de metrô (POLÍCIA..., 2013).

Críticos aos protestos de 2015 encararam essa passividade na ação policial como um apoio do governo de São Paulo, liderado pelo opositorista Geraldo Alckmin, aos protestos (NÚMERO..., 2015). Também muito criticada foi a cobertura da mídia, em que a rede Globo de televisão transmitiu, em caráter extraordinário, o informativo Globo Notícia a cada quarenta minutos com a cobertura das manifestações em todo o Brasil (ROVAI, 2015).

Em 17 de março, o Datafolha divulgou uma pesquisa (FERRAZ, 2015) feita durante as manifestações na Avenida Paulista. O instituto entrevistou 432 manifestantes e traçou um perfil dos manifestantes na capital paulista. Destes, 47% foram protestar contra a corrupção, 27% pelo

impeachment de Dilma Rousseff, 20% contra o Partido dos Trabalhadores e 14% contra os políticos em geral. A democracia foi amplamente defendida, sendo que 85% consideram que "a democracia é sempre melhor". Outros 10% acham que "em certas circunstâncias, é melhor uma ditadura" e 3% são indiferentes. A maioria absoluta (82%) declarou ter votado em Aécio Neves no segundo turno da eleição presidencial de 2014 e 37% manifestaram simpatia pelo PSDB. O público também possuía um perfil mais elitista do que a população em geral: 76% têm ensino superior completo e 68% ganham mais de R\$ 3.940,00 mensais. Para 90%, Dilma Rousseff "sabia da corrupção da Petrobras, mas deixou ocorrer", e 9% acreditam que "ela sabia da corrupção, mas nada poderia fazer".

Quanto à aprovação da presidente, 96% dos entrevistados avaliam o governo como ruim ou péssimo e 3% como regular. Sobre a aprovação do Congresso Nacional, 77% o consideram ruim ou péssimo, 19% o avaliam como regular e 3% como ótimo ou bom (FERRAZ, 2015). A opção de expor a pesquisa feita com os manifestantes de São Paulo se dá pelo fato desta ter sido a maior manifestação de todas as capitais brasileiras, representando um maior número dessa amostra de manifestantes. O que essas estatísticas nos revelam é um perfil homogêneo de participantes, em sua maioria de classe média, com ensino superior e em oposição ao governo da presidente Dilma Rousseff, uma vez que a maioria absoluta declarou ter votado no candidato da oposição, Aécio Neves.

É importante assinalar que, ao contrário das manifestações de 2013, nas manifestações de 2015 existia um mote principal, a destituição da presidente eleita, expresso no pedido de "impeachment de Dilma Rousseff" (PINTO, 2017). Se nos protestos de 2013 existia uma pluralidade discursiva em torno dos temas sociais, políticos e econômicos, no ano de 2015 o eixo central das manifestações populares é o espectro antipetista. Como visto por Scartezini (2016), a indignação com a corrupção, com a política e com a limitação ao acesso a bens de consumo passam a ser a tônica central dos protestos decorrentes desse espectro. Palavras de ordem como "Fora PT" e "Fora Dilma" deram o tom a estas manifestações (Scartezini, 2016), amplamente apoiadas pela mídia corporativa. Essa massa representava uma parte bastante específica da população, os que eram contrários ao governo do Partido dos Trabalhadores (PT), mas também os descontentes com a crise econômica e política. Em comparação às manifestações de 2013, expomos abaixo duas imagens, uma das manifestações de 2013 e uma das manifestações de 2015, para ilustrar a heterogeneidade e a homogeneidade das massas respectivamente, em que a de 2013 representa uma massa com um certo esboço de organização (multidão) e a de 2015 uma massa "super" organizada:

Figura 1 - A multidão de 2013



Fonte: Felipe Floresti/Revista Galileu (2018)

Figura 2 - A massa de 2015



Fonte: Rovena Rosa/Agência Brasil (2016)

Por meio das redes sociais, muitos grupos mobilizaram a população para as manifestações de 2015. Influentes desde o final de 2013, esses grupos de oposição ao governo despontaram em 2015 como os grandes organizadores das imensas manifestações assistidas

neste ano (SCARTEZINI, 2016). Grupos como “Vem pra Rua”⁴, “Movimento Brasil Livre”⁵ e “Revoltados Online”⁶ lideraram todos os protestos anti-governo, e os cartazes publicados nas páginas das redes sociais desses grupos revelavam uma posição ideológica que canalizou as manifestações. Isto é, havia nas manifestações de 2015 faixas pedindo intervenção militar, além de um conteúdo anticomunista que renasceu com a identificação do governo da Venezuela como comunista e a associação desse país com o Partido dos Trabalhadores e com os governos dos presidentes Lula e Dilma. (PINTO, 2017).

Liderados por jovens de classe média e alta e com instrução acadêmica elevada, estes agrupamentos sociais conservadores que convocaram as mobilizações compõem o perfil do manifestante dos protestos de 2015: homem, jovem, branco, classe média, “apartidário” ou “suprapartidário”. Segundo Scartezini (2016), o manifesto do Movimento Vem Pra Rua faz questão de deixar registrado que é “contra qualquer tipo de violência” e que condena “qualquer tipo de extremismo (separatismo, intervenção militar, golpe de Estado)” e não compactua com governos autoritários. Advertência que não condiz com o que foi visto nas ruas, já que o que mais se viu ao lado das faixas de “Fora Dilma” foram os pedidos de “Intervenção Militar Já”. Ainda que 71% dos manifestantes tenham se declarado contrários à Intervenção Militar, é impossível não atentar para o fato de que expressivos 29% deles eram favoráveis à volta da Ditadura no Brasil (Quem são..., 2015). A preocupação com a “ameaça comunista” também se fez presente nestas manifestações e foi uma das justificativas do anseio pelo retorno dos militares ao poder (SCARTEZINI, 2016).

Esse movimento deu esteio ao processo de deposição da presidenta Dilma Rousseff através da abertura de um pedido de impeachment no Congresso Nacional, baseado na acusação

⁴ O movimento Vem Pra Rua se define, segundo sua página oficial na internet, como um movimento que “quer um Brasil livre da corrupção, com uma política feita com ética e um Estado desinchado e eficiente, verdadeiramente democrático e justo. E não há democracia nem justiça com corrupção, incompetência, autoritarismo e impunidade. É um movimento suprapartidário, democrático e plural que surgiu da organização espontânea da sociedade civil em 2014. Ao longo de sua história, suas manifestações levaram mais de 6 milhões de pessoas às ruas, em 13 grandes manifestações pacíficas e ordeiras, em mais de 250 cidades. Duas delas, Março/2015 e Março/2016, entraram para a história como as maiores manifestações da sociedade civil no Brasil. Tendo como pilar principal a luta contra a corrupção, o Movimento atua também na educação cívica da sociedade por meio de sua página no Facebook, que conta hoje com mais de 2 milhões de seguidores.” Disponível em: <<https://www.vempraru.net/o-movimento/>>. Acesso em: 07 set. 2022.

⁵ O Movimento Brasil Livre, segundo sua página oficial no Facebook, se define como: “uma entidade sem fins lucrativos que visa mobilizar cidadãos em favor de uma sociedade mais livre, justa e próspera. Defendemos a Democracia, a República, a Liberdade de Expressão e de Imprensa, o Livre Mercado, a Redução do Estado, Redução da Burocracia.” Disponível em: <<https://www.facebook.com/mblivre/>>. Acesso em: 07 set. 2022.

⁶ O grupo Revoltados Online, em sua página oficial do facebook consta apenas a seguinte descrição: “Juntos somos mais fortes, com Deus somos imbatíveis. Tamo juntos. Marcello Reis FUNDADOR Revoltados ON LINE”. Disponível em: <https://www.facebook.com/revoltadosonline/?ref=page_internal>. Acesso em: 07 set. 2022.

de crime de responsabilidade por execução das chamadas “pedaladas fiscais”. As mobilizações de rua prosseguiram até o dia 31 de agosto de 2016, quando encerrou-se esse processo, iniciado no dia 02 de dezembro de 2015, resultando na cassação de seu mandato. O vice-presidente Michel Temer assume a presidência do Brasil a partir de então.

Esses fatos revelam o que há de relevante na investigação dessas manifestações de 2015 sob a leitura freudiana. Seguindo nossa hipótese inicial, ao contrário das manifestações de 2013, os protestos de 2015 representavam agora uma organização de massa psicológica propriamente dita. Em *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921/2020a), ao introduzir a questão da “massa psicológica” a partir da obra de Gustave Le Bon, Freud se indaga: “O que é então uma ‘massa’, de onde ela tira a capacidade de influenciar tão decisivamente a vida psíquica do indivíduo? E em que consiste a alteração psíquica que ela impõe ao indivíduo?” (FREUD, p. 140, 1921/2020a).

As questões que Freud procura responder ao longo de seu texto, como vimos, são essenciais para pensar a massa de 2015 e a novidade nas ruas deste ano em relação às manifestações de 2013. Sobretudo para pensarmos a função das redes sociais como uma ferramenta de mobilização política na contemporaneidade. O que Freud pôde dizer em seu tempo sobre as massas e, a partir disso, o que podemos articular no tempo presente?

Assim, procuramos, no segundo capítulo, explorar a questão das redes sociais como ferramenta de mobilização política e suas implicações no contexto sócio-político brasileiro.

2 AS REDES SOCIAIS COMO FERRAMENTA DE MOBILIZAÇÃO POLÍTICA

As manifestações de 2013 e 2015 mostraram o poder de convocação e mobilização política das redes sociais. Através das redes, os protestos eram convocados para ocorrerem nas ruas de todo o país. Como vimos, o inegável poder das redes já havia se evidenciado na convocação de movimentos de massa que explodiram em diversos países, como na chamada “Primavera Árabe”, no Oriente Médio, ou no “*Occupy Wall Street*”, nos EUA, ou ainda, mais recentemente, nos protestos que ocorreram no Chile, no ano de 2019. Aparentemente espontâneos, todos guardam entre si uma característica em comum: respondem em grande parte a um chamado das redes sociais.

A partir do nosso recorte de pesquisa, ao focalizar as manifestações políticas no Brasil na última década, vemos que o avanço do sistema de comunicação em rede, digitalizado e operado por algoritmos, traz importantes questionamentos acerca de “o que” é mobilizado e “quem” mobiliza. Para desenvolver estes questionamentos, antes faremos uma breve contextualização sobre a dinâmica das redes.

Desde sua criação, a internet e seu avanço trouxeram profundas transformações para a comunicação e as dinâmicas sociais. Desde o fim dos anos 1990, a difusão da internet e suas configurações de produção e distribuição de informações impactaram nossas formas de vida de diversas maneiras. Isto é, compreender seus efeitos vai além de perspectivas culturais ou de comunicação, e abarca os mais diversos âmbitos da forma como vivemos em sociedade hoje, principalmente o político. A partir dessa perspectiva, discutiremos a relação entre a crescente utilização de estruturas algorítmicas para intermediar e modular nossas relações sociais e seus impactos políticos.

Segundo Silveira (2019), algoritmos são rotinas finitas e logicamente encadeadas que realizam tarefas a partir de informações que recebem. Atualmente, quando falamos de *big data* estamos tratando de tecnologias que utilizam algoritmos para manipular grande quantidade de dados. Dados que são coletados através da utilização das redes sociais, dos mecanismos de busca; são os “rastros” que deixamos ao acessarmos essas plataformas que tornaram-se devoradoras de dados. Com o avanço dos algoritmos de aprendizado de máquina, a montagem de gigantescas bases de dados se tornou indispensável para os grandes negócios da rede. Empresas como o Google, Facebook, Amazon, Apple, entre outros, e redes de publicidade passaram a organizar mecanismos de captura de dados pessoais em escala jamais vista. Conforme Silveira (2019) apontou, para essas empresas oferecerem o que as pessoas buscam e

obter lucro a partir disso, era preciso saber o máximo possível sobre cada uma delas. Isso permitiu que plataformas oferecessem a seus usuários aquilo que pudesse “melhorar sua experiência” para atraí-los por meio de notícias e anúncios.

As chamadas *big techs*, as grandes empresas de tecnologia que dominam o mercado econômico, são referidas como GAFAM, que é o acrônimo de gigantes da Web: Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft, e representam as cinco grandes empresas desse ramo nos EUA. O impacto da conectividade global, manipulada por esses gigantes da gestão de informação mundial e sua capacidade de influenciar comportamentos é um universo novo que ainda desconhecemos, sobretudo considerando a forma como a inteligência artificial opera, a função dos algoritmos, assim como os interesses mercadológicos por trás desse funcionamento. O jornalista Max Fisher (2023), do jornal New York Times, em seu livro recente, *A máquina do caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo* (2023), fornece uma visão sobre esses fatos, de modo bastante rico, ao relatar as viagens que fez para diversos países, incluindo o Brasil, onde pesquisou os impactos das redes sociais.

Em seu estudo, dedica o capítulo 11 para apresentar o caso do Brasil, e destaca, sobretudo, o uso da plataforma YouTube, visto que o país é o segundo maior mercado mundial da empresa, atrás somente da Índia. Dentre as diversas passagens de suas entrevistas no Brasil, relata o caso do jovem Matheus Dominguez que, através do YouTube, conheceu os candidatos de extrema direita brasileiros em 2016, ano em que a empresa instalou sua nova IA (inteligência artificial) de aprendizado profundo e, com ela, os youtubers de direita decolaram na plataforma. Ano também em que ocorre no Brasil o golpe político-parlamentar que destituiu a então presidenta Dilma Rousseff. O entrevistado diz que, em seu entender, o algoritmo de recomendação do YouTube havia “acordado os brasileiros” (FISHER, 2023, p. 397). A partir desse momento, a política se tornou tema central na vida de Dominguez, um jovem que até então não tinha interesse por ela, mas que, depois do contato com esses vídeos dos candidatos de extrema direita, filiou-se ao partido de Bolsonaro e afirma querer concorrer à presidência um dia.

Na ocasião, Fisher (2023) relata que Dominguez o levou, com a sua equipe, a uma marcha pró-Bolsonaro na cidade de Niterói e o apresentou a autoridades do partido. Essas autoridades, quando entrevistadas, afirmaram que as plataformas sociais dos Estados Unidos os haviam levado até ali, até a representação partidária do partido de extrema direita. Um deles diz que foi assim com todo o mundo que estava ali presente na manifestação, que a maioria dessas pessoas vieram do YouTube e das redes, inclusive ele mesmo. Sua aproximação com a política acontece anos antes, no momento em que o YouTube havia reproduzido automaticamente para

ele um vídeo sobre política, tema pelo qual nunca tinha se interessado. Era um vídeo de Kim Kataguirí, youtuber de direita e um dos representantes do MBL (Movimento Brasil Livre). Fisher (2023) relata os dizeres do entrevistado: “‘Até ali, eu não tinha formação política, ideológica’. Mas o vídeo o atraiu e ele continuou assistindo. O algoritmo, disse, foi o que forneceu ‘minha educação política’.” (FISHER, 2023, p. 398).

O que esses fatos revelam, segundo Fisher (2023), é

que o YouTube não só criara uma comunidade marginal na internet ou mudara a visão de mundo de certos usuários, mas havia radicalizado todo o movimento conservador do país, de maneira tão eficiente que derrubou praticamente toda a direita política anterior”. (FISHER, 2023, p. 398)

À primeira vista, tal afirmação pode parecer exagerada, mas explorar o funcionamento das redes é dar-se conta da sua arquitetura global de modificação comportamental.

É o que Zuboff (2021) apresenta em sua pesquisa ao conceituar o que ela denominou como “capitalismo de vigilância”, fenômeno que se expressa em uma arquitetura global de modificação comportamental que ameaça impactar a humanidade no século XXI de forma tão radical quanto o capitalismo industrial alterou o mundo natural no século XX.

Nessa nova face do capitalismo, Zuboff (2021) chama a atenção para as consequências das práticas de empresas de tecnologia sobre todos os setores da economia. A autora lança luz no fato de que um grande volume de riqueza e poder vem sendo acumulado em “mercados futuros comportamentais”, nos quais os dados que deixamos nas redes são negociados sem o nosso consentimento e a produção de bens e serviços segue a lógica de novas “formas de modificação de comportamento”.

Uma arquitetura digital presente em todos os lugares, agindo em prol dos interesses do que ela denominou como “capital de vigilância”. Ela afirma que estaríamos diante da construção de uma forma de poder inédita, caracterizada por uma extrema concentração de conhecimento que não passa pela supervisão da democracia.

No capitalismo de vigilância é evidenciado o poder do capital por quem pode pagar para coletar, organizar e analisar gigantescas estruturas de dados que serão processados em *data centers* com milhares de servidores (SILVEIRA, 2019). Sem transparência, os algoritmos possuem critérios de distribuição indecifráveis pela sociedade. Fato é que plataformas como Facebook, Twitter e Instagram têm sido fundamentais para a formação da opinião política em grande parte dos países (SILVEIRA, 2019). A forma como os algoritmos operam nos revelam, de acordo com Silveira (2019), que eles podem estar beneficiando uma força política em

detrimento das demais, devido a forma como inserem as postagens políticas, por exemplo, em um número maior de timelines que as dos seus adversários. Por isso, os algoritmos podem interferir no processo democrático, desequilibrando as condições de equidade dos discursos em disputa.

Em resumo, “atuando num largo período de tempo, os algoritmos podem criar assimetrias invisíveis e desequilíbrios performativos completamente antidemocráticos.” (SILVEIRA, 2019, p. 55)

De forma a exemplificar essa afirmação, Silveira (2019) nos lembra da época da votação da Reforma da Previdência Social no Brasil, no governo Temer, no início de 2018. Na ocasião, o então presidente Michel Temer prometeu ao empresariado brasileiro, importante apoiador do golpe político-parlamentar contra Dilma Rousseff, essa reforma previdenciária que era rejeitada por 69% dos brasileiros no final de 2017. Na tentativa de modificar esse cenário, a equipe de comunicação de Temer se reuniu com representantes do Google com a finalidade de organizar o redirecionamento de buscas sobre a previdência para resultados elaborados pelo governo. Silveira (2019) relembra que, em reportagem do jornal O Globo, esse acordo funcionaria de modo que um trabalhador rural que colocasse o termo “previdência” em um mecanismo de busca, como o Google, receberia o conteúdo que explica, por exemplo, que essa categoria não será afetada pelas mudanças propostas pelo governo, evidenciando o poder da internet na manipulação da opinião pública.

Exploradas essas questões acerca do funcionamento das redes, destacamos que esta nova forma de laço social, digital, anônimo, em sua função de segregação em bolhas ideológicas, operacionalizadas pela internet e seus algoritmos, têm um papel importante na exacerbação do imaginário em detrimento da via simbólica, favorecendo, por exemplo, afetos como o ódio e a agressividade. Afinal, a captura dos dados se torna a captura de subjetividades (SILVEIRA, 2019). Refletir sobre isso nos remete a importantes contribuições de Freud acerca do laço social.

Em *O mal-estar na cultura* (1930/2020b), Freud localiza três fontes do sofrimento humano: o próprio corpo, o mundo exterior e as relações com outros seres humanos, sendo esta última a mais grave, que mais sofrimento traz. A partir desta constatação, faz uma importante reflexão em torno do mandamento do amor ao próximo, que nos envia ao coração do problema colocado pelo estabelecimento do laço social: o gozo do próximo, este que é, simultaneamente, semelhante e diverso. Problema que nos conduz aos paradoxos em jogo nas soluções pela via do amor e a complexidade das relações do humano com o seu próximo. Daí a necessidade de que isto se coloque como um mandamento, um imperativo, como nos fala Freud. Mandamento,

a seu ver, impossível de ser cumprido, em vista dos impasses que se apresentam na relação com o próximo, quando se escolhe essa via. Freud é categórico ao acentuar a “maldade” que habita o próximo, assim como a mim mesmo, adotando a máxima “*homo homini lupus*” de autoria do dramaturgo romano Plauto, apropriada pelo filósofo inglês Thomas Hobbes. “O homem é o lobo do homem”, ou seja, aquele que é capaz de “explorar a sua força de trabalho sem uma compensação, de usá-lo sexualmente sem o seu consentimento, de se apropriar de seus bens, de humilhá-lo, de lhe causar dores, de martirizá-lo e de matá-lo” (FREUD, 1930/2020b, p. 363). Podemos ver nesse fragmento uma referência à dimensão do gozo como um “fator que perturba nossa relação com o próximo e obriga a cultura a arcar com seus custos” (FREUD, 1930/2020b, p. 364), em um esforço de “terraplanar” o gozo, como diz Lacan em seu *Seminário, livro 16: De um Outro ao outro* (1968-69/2008).

Para Freud há, portanto, algo de inconquistável no laço social. As contribuições de Lacan, ao abordar o laço social a partir de uma estrutura de discurso, são valiosas para avançarmos em nossa análise, ao nos valermos da teoria dos quatro discursos apresentada em seu *Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise* (1969-70/1992), uma vez que, como nos diz Maia (2022), a codificação sobre a qual se assenta a linguagem computacional aponta para a necessidade de entendê-la para além de sua materialidade tecnológica, “mas também como uma máquina de linguagem inserida em um discurso” (MAIA, 2022, p. 47). Assim, procuramos destacar, nos limites do presente trabalho, dentre os quatro discursos que Lacan apresenta inicialmente⁷, o discurso do universitário, o discurso do mestre e um quinto discurso que formula posteriormente, a partir de uma mutação no discurso do mestre, o discurso do capitalista⁸. Esses três discursos nos interessam para pensarmos como operam as redes sociais em tempos de capitalismo neoliberal, sob a hegemonia do capital financeiro, lançando algumas hipóteses sobre as novas modalidades de formação das massas.

⁷ Lacan organiza os 4 discursos que traz inicialmente, a saber, o discurso da universidade, do mestre, da histórica e do analista, respectivamente, nas seguintes fórmulas:

$$\begin{array}{cccc}
 \mathbf{U} & \mathbf{M} & \mathbf{H} & \mathbf{A} \\
 \frac{\mathbf{S}_2 \rightarrow \mathbf{a}}{\mathbf{S}_1 \quad \mathbf{\$}} & \frac{\mathbf{S}_1 \rightarrow \mathbf{S}_2}{\mathbf{\$} \quad \mathbf{a}} & \frac{\mathbf{\$} \rightarrow \mathbf{S}_1}{\mathbf{a} \quad \mathbf{S}_2} & \frac{\mathbf{a} \rightarrow \mathbf{\$}}{\mathbf{S}_2 \quad \mathbf{S}_1}
 \end{array}$$

$$\downarrow \frac{\mathbf{S}}{\mathbf{S}_1} \quad \times \quad \frac{\mathbf{S}_2}{\mathbf{a}} \quad \downarrow$$

⁸ O discurso do capitalista é organizado, por Lacan, na seguinte fórmula:

Em síntese, no discurso do universitário, o lugar da verdade cabe ao significante mestre (S1) que, por sua vez, impulsiona o saber (S2) no lugar de agente. Entretanto, a impossibilidade entre o saber (S2) e o objeto *a*, no lugar do outro, coloca em questão a marca da ciência naquilo que ela não alcança. O S1, ao impulsioná-lo, faz o saber buscar uma relação impossível com o seu objeto, relação de *tudo saber*, embora o que produza seja esse sujeito barrado, na qual a psicanálise se ocupa e que a ciência tenta excluir.

Sendo assim, podemos situar discursivamente a internet e seu funcionamento por algoritmos, bem como essa tentativa do todo-saber, no discurso do universitário, ao operacionalizar a sociedade por algoritmos, uma sociedade matematizada. A algoritmização das ações e interações indica uma profunda quantificação e matematização das relações sociais (SILVEIRA, 2019). Atuante nas mais diversas camadas da sociedade, “o objetivo desse saber-totalizante é modelar o real segundo os padrões matemáticos” (MAIA, 2022, p. 77). Isso nos remete à crítica feita por Adorno e Horkheimer que, em seu livro *Dialética do Esclarecimento* (1947), fazem uma ampla crítica filosófica e psicológica das categorias ocidentais da razão e da natureza. Mas o que nos interessa dentro desse estudo é a crítica que fazem ao desenvolvimento do modo capitalista e seus inúmeros problemas, que são interpretados como resultado do que eles denominam de “crise da razão” herdada do Iluminismo, que inaugurou a modernidade ao colocar a razão e a ciência como elementos da emancipação humana. De forma bastante resumida, podemos dizer que, paradoxalmente, o esclarecimento humano e o progresso científico se transformaram, na verdade, em instrumentos de dominação política, social e econômica. A crítica da “razão instrumental” é justamente a crítica dirigida contra os obstáculos e os impedimentos à concretização do projeto emancipador do homem, preconizado séculos atrás pelos ideólogos e filósofos iluministas. Na tentativa de dominação da natureza através do progresso científico, o indivíduo moderno ampliou a dominação do homem sobre o próprio homem.

Articulado a isso, lembremos também da ilustre citação de Lacan sobre a ciência e a sua curiosa copulação com o capitalismo, evidenciando o que Darriba e d’Escragnolle (2017) apontaram: “Do discurso universitário ao capitalismo há então somente um passo”, afinal, o discurso universitário “é o que mostra onde o discurso da ciência se alicerça” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 97). Seguindo o que nos diz Lacan:

Não se esperou, para ver isso, que o discurso do mestre tivesse se desenvolvido plenamente para mostrar sua chave no discurso do capitalista, em sua curiosa copulação com a ciência. Isto sempre foi visto e, em todo caso, é tudo o que vemos quando se trata da verdade, ao menos da verdade primeira, daquela que não obstante nos interessa um pouco, embora a ciência nos faça renunciar a ela dando-nos somente

o seu imperativo *Continua a saber em um certo campo*. (LACAN, 1992, p. 103, grifo do autor)

Assim, de forma resumida, pode-se dizer que, no discurso do mestre, que segundo Lacan já havia sido esclarecido por Hegel por meio de sua formulação teórica acerca da dialética do senhor e do escravo, o lugar de agente do discurso é ocupado pelo significante-mestre (S1) que se dirige ao outro (S2) para que ele trabalhe e produza o mais-de-gozar (a), inspirado no conceito de mais-valia, formulado por Marx. Nesse discurso, o significante é o do senhor, como na dialética de Hegel, que aparece como idêntico a si mesmo, como puro imperativo.

A partir disso, podemos pensar que os movimentos totalitários do séc. XX se inscrevem no discurso do mestre, na medida em que representaram uma tentativa de instaurar o reino do Um na política. A grande contribuição de Freud, em *Psicologia das massas*, foi identificar “na estrutura libidinal das massas os efeitos hipnóticos que resultam da superposição de lugares ocupados pelo líder, de ideal-de-eu e de objeto, presente nos grupos como o exército e a igreja” (RINALDI, 2021, p. 60), antecipando, em 1921, o crescimento do nazismo e do fascismo na Europa.

Além disso, podemos pensar na inscrição do discurso do mestre (e sua mutação) nas redes também a partir de Zuboff (2021), que afirma que para acessar o mundo digital os usuários pagam com seus dados. Esse pagamento, a autora denominou como “excedente comportamental”, os registros de dados que os próprios sujeitos não têm conhecimento da coleta (buscas, fotos, histórico do navegador da web, *likes*, compartilhamentos, compras online, preferências políticas na internet, conversas, tempo de interação com uma postagem etc.). Esses *rastros* são comercializados pelas empresas por seu valor preditivo. Maia (2022) aponta para o fato que esses restos que deixamos na internet podem ser entendidos como mais-de-gozar no discurso do mestre, “onde os usuários trabalham (sem ganhar com isso) para as empresas que capturam os dados, e esses dados são reaproveitados e reabsorvidos, transformados em objetos para consumo na rede.” (MAIA, 2022, p. 74). Ao fim e ao cabo, os próprios usuários da internet são transformados em produtos a serem vendidos ao capital.

Sendo assim, nos remetemos ao discurso do capitalista, chamado também por Lacan de “discurso do mestre moderno”, onde acontece uma “mutação no discurso do mestre antigo, que se produz a partir do momento em que o gozo passa a ser contabilizado” (RINALDI, 2021, p. 60). No discurso do capitalista, há uma torção da fração do lado esquerdo do discurso do mestre, ou seja: S1 e \$ são trocados de lugar, S1 passando do lugar de semblante ao lugar da verdade e o contrário ocorrendo com \$, que antes estava colocado abaixo, no lugar da verdade. O sujeito assume o lugar de agente e o S1 vai para o lugar da verdade abaixo da barra, enquanto a outra

fração permanece idêntica ao discurso do mestre. Lacan assinala que essa mutação produz um curto-circuito, não havendo relação entre o campo do agente e do outro. Este fato é indicado pelas setas que introduz em forma de cruz e não de forma direta na parte superior da fração, como nos demais discursos, revelando que não há instauração do laço social.

Nesse discurso, o lugar da verdade é ocupado pelo significante do mestre moderno, o Capital e sua promessa de gozo, enquanto o sujeito, reduzido à condição de consumidor, resta fixado a essa verdade, desconhecendo a sua castração e atuando sob o duplo imperativo de gozo do mestre: produza, consuma! (RINALDI, 2021). Em outras palavras, nos diz Lacan:

Porque o discurso do capitalista está ali, vocês veem... [indica o discurso no quadro negro]... uma pequenininha inversão simplesmente entre o S1 e o \$... que é o sujeito... basta para que isso ande como sobre rodinhas, não poderia andar melhor, mas, justamente, anda rápido demais, se consome [consomme], se consome tão bem que se consuma [consume]. (LACAN, 1972, p. 48)

Em que essas considerações de Lacan sobre o discurso do capitalista nos ajudam a compreender o papel das redes sociais, que “andam rápido, rápido demais”, e sua interferência na esfera política na atualidade, através da manipulação da informação e da fabricação de massas de novo tipo?

No documentário *O Dilema das Redes* (2020), da plataforma de *streaming* Netflix, diversos especialistas em tecnologia e profissionais da área, como cientistas da computação e trabalhadores das grandes empresas de tecnologia como o Google, Facebook, YouTube, dentre outras, abordam os impactos devastadores das redes sociais sobre a democracia e a humanidade. São diversas as passagens em que torna-se evidente o domínio e a manipulação operados pelas redes sociais sobre a sociedade de maneira geral, influenciando na forma em que vivemos, pensamos, agimos e consumimos.

Como já vimos, a manipulação para fins políticos e eleitorais é uma das facetas das redes e tem impactos incalculáveis. Um outro exemplo paradigmático foi o escândalo da empresa Cambridge Analytica envolvendo o Facebook, em que a empresa utilizava-se da análise de dados coletados a partir do uso de redes sociais, para executar planos de comunicação estratégica. Atuou tanto no mercado consumidor quanto na política, utilizando técnicas de análise de personalidade para elaborar propagandas que estimulem pessoas de diferentes perfis a consumir mercadorias ou a votar em determinado candidato ou proposta política (MAIA, 2022). Ao mesmo tempo que abordava esses usuários, um a um, através de mensagens personalizadas, tocando justamente em seus interesses particulares, formava também um discurso comum que atendia a determinados fins políticos. A sua participação foi decisiva no

resultado das penúltimas eleições americanas, assim como na saída da Grã-Bretanha da Comunidade Europeia, mostrando o poder de intervenção das redes sociais no espaço político (RINALDI, 2021).

Mais grave ainda parece ser o caso de manipulação eleitoral revelado recentemente pelo jornal britânico *The Guardian*, em que um ex-agente das Forças Especiais de Israel, a partir de um empresa criada por ele, de nome *Team Jorge*, influenciou eleições em 33 países com sabotagens, hackeamento e desinformação automatizada, utilizando a mesma estratégia. (DCM, 2023)

A forma de operar dessas empresas, a partir das redes, nos remete ao modo de funcionamento do discurso do capitalista, que procura atingir cada um em seu gozo, alimentando a expectativa de gozo com a promessa de um gozo garantido. Nesse decurso, o que parece estar em jogo é “um processo de fragmentação da massa” (RINALDI, 2021, p. 60), através de uma estratégia de propaganda e manipulação da informação que tem como objetivo reconstituir essa massa que se fragmentou, para, em seguida, formar uma nova, que se reunifica por razões diferentes. Essas novas razões, manipuladas pelas redes através de seu funcionamento algorítmico, favorecem determinados discursos políticos em detrimento de outros, assim como promovem candidatos. A novidade neste tipo de estratégia é a de que o ator político não precisa sustentar suas mensagens necessariamente em presença, junto aos seus seguidores. A comunicação pelas redes, através de mensagens anônimas, irá se incumbir, em parte, disso.

Este fato nos revela uma importante diferença em relação ao modo como Freud caracteriza as massas tradicionais, em que o líder ocupa um lugar decisivo, como ponto de unificação da massa, veiculando sua mensagem publicamente, o que as inscreve no discurso do mestre. Já a estratégia política através da mediação das redes, no que ela se dirige a cada um em seus “gostos” particulares, “buscando domar as diversas formas de gozo e produzir uma uniformização do gozo a ser vendido como ideal” (RINALDI, 2021, p.61), adequa-se ao estilo do discurso do mestre moderno, o capitalista. Dessa forma, sustentado pelo discurso do capitalista, e não mais pelo discurso do mestre, assistimos ao líder ressurgir nessa nova cena, produzido a partir das redes sociais e seu sistema algorítmico.

3 O INCONSCIENTE E A MASSA

Dedicamos o terceiro capítulo, inicialmente, à apresentação da formação do Eu em Freud e as contribuições posteriores de Lacan, visto que os aspectos da formação do Eu possuem uma importante relação entre o estatuto do Eu para a psicanálise e as manifestações sociais autoritárias, conforme discutido por Freud em *Psicologia das massas e análise do Eu* (FREUD, 1921/2020a), como vimos no primeiro capítulo.

A partir da segunda tópica freudiana, examinamos o conceito de Supereu na obra *O eu e o Isso* (FREUD, 1923/2011) como um herdeiro do complexo de Édipo e um representante do Isso em sua face pulsional. No *Mal-estar na cultura* (1930/2020b), diante dos impasses impostos pelas exigências culturais, destacamos as relações do Supereu com a cultura em sua dimensão moral, que serve à inibição das pulsões de destruição (exigência cultural) em uma tensão contra o Eu. Assim, procuramos destacar também o mandamento do amor ao próximo como “a mais forte defesa contra a agressão humana e um exemplo excelente do procedimento não psicológico do Supereu-da-cultura” (FREUD, 1930/2020b, p. 402).

A partir dessas elaborações, seguimos para o ensino de Lacan e suas considerações acerca do mandamento do amor ao próximo e do conceito de Supereu. Lacan irá considerar a perspectiva de Freud diante desse mandamento como um recuo em relação ao gozo do próximo, e não do amor. Esse gozo, semelhante e diverso, nos ajuda a pensar sobre o conceito de Supereu que, para Lacan, se constitui sobretudo como um imperativo de gozo. Assim, a partir da citação de Lacan sobre a gulodice estrutural do Supereu, como um “mal-estar (sintoma) na civilização” (LACAN, 1973/2003), nos indagamos como podemos pensar o imperativo de gozo do capital no que ele representa um sintoma em nossa cultura. Esses elementos nos possibilitam também aproximar a formação de massas fabricadas pelas redes sociais ao imperativo de gozo do Supereu, nos indagando de que forma as redes operam um mandamento. A partir desses questionamentos, refletimos sobre o mal-estar na cultura no Brasil contextualizado em relação à última década e aos movimentos de massa recortados por este trabalho.

3.1 NO INTERIOR DA MASSA: A FORMAÇÃO DO EU E A ALTERIDADE

Não é por acaso que, no período após a primeira Guerra Mundial, Freud se debruçou sobre os temas da idealização e identificação e formulou sua segunda tópica sobre a constituição do Eu no texto *O Eu e o Id*⁹ (1923/2011), dando uma nova envergadura a sua teoria. A definição de Freud sobre as noções metapsicológicas, agora caracterizadas como Eu, Isso e Supereu, passam a responder ao que Freud vai percebendo cada vez mais em sua prática clínica, a saber, a questão da relação com o campo da alteridade, através das identificações, no processo de constituição do Eu. O que demonstra, nas palavras de Gilson Iannini, uma vez levada a efeito a reflexão feita por Freud, por exemplo, em *Psicologia das massas e análise do Eu* (FREUD, 1921/2020a), que “uma reflexão eminentemente clínica acerca da idealização e da identificação culmina numa reflexão social de grande envergadura. Isso mostra o vínculo orgânico entre as esferas clínica e social no interior do pensamento de Freud.” (IANNINI, 2020, p. 10).

Acompanhando esse raciocínio, o que há de mais relevante para desenvolvermos nosso argumento é a novidade na obra de Freud a partir da segunda tópica. Como vimos, Freud em *Psicologia das massas e análise do Eu* (FREUD, 1921/2020a), além do texto *Introdução ao Narcisismo* (FREUD, 1914/2010), já havia tecido hipóteses sobre uma possível instância psíquica, que supõe uma gradação no Eu, uma diferenciação em seu interior que pode ser chamada de “ideal do Eu”, mas que agora, complementando esse conceito, ele apresenta também como “Supereu”. A novidade, em relação aos textos anteriores, “é o fato de essa parcela do Eu ter relação menos estreita com a consciência.” (FREUD, 1923/2011, p. 25).

Em *Luto e Melancolia* (1917), Freud refere-se às relações de investimento objetal, como na melancolia, onde tem-se a perda de um objeto que antes fora alvo da libido, e, por consequência, um retraimento dessa energia investida para o Eu. Esse objeto se estabelece novamente no Eu; o investimento objetal é substituído por uma identificação. Nesse momento de sua obra, ainda era desconhecido todo o significado deste processo e o quanto era típico e frequente. Mais tarde, Freud perceberia o quanto tal substituição participa enormemente da constituição do Eu, contribuindo de modo essencial para a configuração e formação do que

⁹ Escolhemos por adotar o termo Isso, ao invés do termo em latim Id, como consta na tradução da obra que aqui usamos como referência (FREUD, 2011). Optamos por manter o termo Id somente nas citações diretas da referida obra, de acordo com a tradução de Paulo César de Souza, publicada pela Companhia das Letras. Em outros momentos, utilizamos o Isso por ser o termo estabelecido no ensino de Lacan através das traduções de suas obras do francês para o português brasileiro.

chama de caráter do Eu. Freud também vê essa transformação de outra maneira: como uma tentativa do Eu de controlar o Isso. Afinal, se o Eu adquirir traços do objeto, como se oferecesse ele próprio ao Isso como objeto de amor, ao procurar compensá-lo de sua perda amorosa, é como se dissesse: “Veja, você pode amar a mim também, eu sou tão semelhante ao objeto”. (FREUD, 1923/2011, p. 27).

Essa realocação da libido, dos objetos ao Eu, transformando a libido objetal em libido narcísica, de certa forma envolve uma sublimação, ao passo que nesse processo tem-se o abandono das metas sexuais, uma dessexualização e um retraimento da libido ao Eu, este que poderá dar-lhe outra meta desde esse momento. A partir disso, Freud reconhece o Isso como o “grande reservatório da libido” (FREUD, 1923/2011, p. 61) no sentido do que foi visto em *Introdução ao narcisismo* (FREUD, 1914/2010), a libido que aflui para o Eu através das identificações que, por sua vez, caracterizam o que Freud denominou como "narcisismo secundário".

Assim, a leitura freudiana do Eu (narcísico), a partir do conceito de identificação, concebe o Eu como um conjunto de identificações, desde as primeiras identificações da infância, oriundas da perda do amor objetal. Levando-nos de volta à origem do ideal do Eu, como vimos no primeiro capítulo, a identificação com os pais se caracteriza como a primeira e mais significativa identificação de todas, uma relação mais antiga do que qualquer investimento objetal. A identificação se configura como o laço afetivo mais primitivo que temos com o outro, construída na tenra infância. E é de extrema importância pelos efeitos duradouros e constitutivos na vida psíquica do sujeito.

Essas primeiras relações de identificação, se exprimem, por exemplo, no desenrolar do Complexo de Édipo do menino. Neste, bem cedo se desenvolve uma identificação pelo pai e um investimento objetal na figura da mãe, que tem seu ponto de partida no seio materno, ilustrando o que seria um protótipo de uma escolha objetal por “apoio”; do pai o menino se apodera por identificação. Ambas relações coexistem até o momento em que se dá o Complexo de Édipo, ou seja, quando o menino passa a ter sentimentos ambivalentes em relação ao pai, sentimentos estes que estavam presentes desde o início na relação de identificação, mas latentes. A identificação com o pai assume, assim, um tom hostil. O menino passa a ver o pai como um obstáculo a ser superado e eliminado, a fim de substituí-lo ao lado de sua mãe (FREUD, 1923/2011, p. 28).

Mais tarde, com o declínio do Complexo de Édipo, o investimento objetal na mãe tem que ser abandonado, surgindo no lugar uma identificação com a mãe, ou, mais comumente, um fortalecimento da identificação com o pai.

O complexo de Édipo seria, então, o responsável por estabelecer essas duas relações de identificação da criança com seus pais, e teria como resultado um precipitado no Eu, este que Freud estabelece que se formará como o Supereu ou Ideal de Eu¹⁰. O Supereu, no entanto, é mais que apenas um resíduo das primeiras escolhas objetais do Isso. Ele representa a repressão do Complexo de Édipo, uma internalização do obstáculo para os desejos infantis que antes se materializaram na figura dos pais. Sua relação com o Eu não se esgota na advertência: “Assim (como o pai) você deve ser”; ela compreende também a proibição: “Assim (como o pai) você não pode ser, isto é, não pode fazer tudo o que ele faz; há coisas que continuam reservadas a ele” (FREUD, 1923/2011, p. 31).

A severidade com que o Supereu terá domínio sobre o Eu como consciência moral tem relação direta com a severidade da repressão (sob influência de autoridade, ensino religioso, escola, leituras) do Complexo de Édipo da criança. Freud atribui então a gênese do Supereu a dois fatores: a longa dependência e desamparo infantil do ser humano e o desenrolar do seu Complexo de Édipo (FREUD, 1923/2011, p. 32).

Baseado nisso, Freud retoma a questão de uma das muitas críticas feitas à psicanálise: a de não se importar com aquilo que seria além do indivíduo, o que é elevado, suprapessoal no homem como a moral, por exemplo. Propõe-se agora a responder a essa questão, justamente por afirmar que uma vez que se lançou naquele momento de sua obra à análise do Eu, agora pode responder que este algo que é “elevado” no ser humano é justamente o Ideal de Eu ou Supereu, que seria o representante das relações da criança com seus pais. “Sem dúvida, e é este o algo elevado, o ideal do Eu ou Supereu, o representante de nossa relação com os pais. Quando pequenos nós conhecemos, admiramos, tememos estes seres elevados; depois os acolhemos dentro de nós”. (FREUD, 1923/2011, p. 33).

Assim, Freud salienta a formação do Ideal de Eu e do Supereu e os conflitos que surgem no Eu, a partir dessa relação, nessa inscrição a partir da alteridade. Segundo Freud:

O ideal do Eu é, portanto, herdeiro do complexo de Édipo e, desse modo, expressão dos mais poderosos impulsos e dos mais importantes destinos libidinais do Id. Estabelecendo-o, o Eu assenhorou-se do complexo de Édipo e, ao mesmo tempo, submeteu-se ao Id. Enquanto o Eu é essencialmente representante do mundo exterior, da realidade, o Supereu o confronta como advogado do mundo interior, do Id.

¹⁰ Em certos momentos de sua obra, Freud utiliza os termos Supereu e Ideal de Eu, sem distingui-los um do outro. Salientamos que se trata de conceitos diferentes, em que o Supereu caracteriza-se pela proibição, pelos limites impostos ao Eu. Por sua vez, o Ideal de Eu representa as idealizações a serem seguidas em uma tentativa em vão de reviver as primeiras experiências de onipotência infantil. Esses termos se complementam na obra freudiana na medida em que o Ideal de Eu aponta o caminho ideal ao Eu, e o Supereu julga o Eu com base nesse modelo. Nas palavras de Lacan, “O supereu é constrangedor e o ideal do eu exaltante” (LACAN, 1953-54/1986, p. 123).

Conflitos entre Eu e ideal refletirão em última instância — agora estamos preparados para isso — a oposição entre real e psíquico, mundo exterior e mundo interior. (FREUD, 1923/2011, p. 33)

Na concepção freudiana, o Supereu expressa-se na forma de um imperativo categórico, conceito que Freud toma de empréstimo ao pensamento kantiano sobre a expressão da lei moral. Além disso, considera o Supereu como um representante do Isso, o que justifica a severidade dos imperativos superegoicos à medida que são fomentados pela própria pulsão de morte. Como vimos, o Supereu é um herdeiro do complexo de Édipo e, portanto, reterá o caráter do pai. Quanto mais intenso tiver sido esse processo e quanto mais acelerado tenha se realizado seu recalque, mais o Supereu dominará o Eu com extrema severidade, assumindo a forma de consciência moral.

Freud também o classifica como um sentimento de culpa inconsciente, e esse caráter coercitivo do Supereu se expressa como um imperativo categórico. Isto é, “Assim como a criança era compelida a obedecer aos pais, o Eu submete-se ao imperativo categórico do seu Super-eu.” (FREUD, 1923/2011, p. 46). Adiante, em seu texto de 1924, *O problema econômico do masoquismo*, outra formulação que contextualiza o Supereu como um imperativo categórico e sua relação com o complexo de Édipo expressa-se na seguinte citação:

O Supra-Eu – a consciência moral ativa dentro dele – pode então tornar-se duro, cruel, inclemente contra o próprio Eu pelo qual ele zela. Nesse sentido, o imperativo categórico de Kant é um herdeiro direto do Complexo de Édipo. (FREUD, 1924/2007, p. 112)

Freud (1923/2011), ao relacionar o Supereu a suas observações clínicas a partir da análise da melancolia e da neurose obsessiva, aponta para o fato de que enquanto o Isso é amoral em relação à retenção das próprias pulsões de destrutividade e à moralidade, o Eu se esforça em ser moral, enquanto o Supereu pode se tornar hipermoral e tão cruel como apenas o Isso vem a ser. Afinal, “como o Supereu também é representante do Isso, seus imperativos contra o sujeito são insaciáveis e inevitavelmente acabam caindo no excesso pulsional.” (PENA; MOREIRA; GUERRA, 2020, p. 51). Isto é, quanto mais se atende às exigências morais do Supereu, mais insaciável ele se torna. Nas palavras de Freud,

É notável que o homem, quanto mais restringe sua agressividade ao exterior, mais severo, mais agressivo se torna em seu ideal do Eu. Para a consideração habitual é o oposto, ela vê na exigência do ideal do Eu o motivo para a supressão da agressividade. Mas o fato permanece como o enunciamos: quanto mais um indivíduo controla sua agressividade, tanto mais aumenta a inclinação agressiva do seu ideal ante o seu Eu. (FREUD, 1923/2011, p. 52)

Esse caminho na teoria freudiana demonstra a articulação teórica do Supereu com o conteúdo da cultura, naquilo que tange à lei moral. Essencialmente, o Supereu é um imperativo, algo que impera do Outro e que se articula com o que Freud irá explorar sobre a cultura a partir da impossibilidade colocada no laço social em virtude das exigências da civilização, através da renúncia pulsional.

No ensino de Lacan, o Supereu correspondeu, sobretudo, a um imperativo de gozo que se destaca em sua gula estrutural. “Uma sede absolutamente interminável de gozo, goze o que se gozar”. (PENA; MOREIRA; GUERRA, 2020, p.50). Como uma instância feroz, nos diz Lacan: “A gulodice pela qual Freud denotou o supereu é estrutural - não é um efeito da civilização, mas um mal-estar (sintoma) na civilização” (LACAN, 1973/2003, p. 528). A partir dessa citação de Lacan, como podemos pensar o imperativo de gozo do capital no que ele representa um sintoma em nossa cultura? Para isso, procuramos explorar mais detidamente a obra *O mal-estar na cultura* (FREUD, 1930/2020b) para, em seguida, expor as elaborações do ensino de Lacan acerca do mandamento do amor ao próximo, articulado ao Supereu e seu imperativo de gozo.

Como visto no segundo capítulo, é em *O mal-estar na cultura* (FREUD, 1930/2020b) que Freud localiza as três fontes do sofrimento humano: o próprio corpo, o mundo exterior e as relações com outros seres humanos, sendo esta última a mais grave, a que mais sofrimento traz. As bases do pensamento freudiano, ao abordar o mal-estar, encontram-se no fato de que a cultura impõe restrições à satisfação pulsional do sujeito. Abre-se mão, segundo Freud, dessa satisfação em prol da vida coletiva em uma civilização.

Anteriormente, em *A moral sexual civilizada e a doença nervosa dos tempos modernos* (FREUD, 1908/1996), Freud enuncia a primeira compreensão sobre o mal-estar, que se daria principalmente pelo recalque das pulsões sexuais. São justamente essas frustrações da vida sexual que os indivíduos neuróticos não suportam. Assim, criam com seus sintomas compensações substitutivas, que causam sofrimento ou tornam-se fonte de sofrimento na medida em que estas produzem dificuldades no campo social. Segundo Freud, a cultura exige não só a renúncia à satisfação sexual, mas também outros sacrifícios.

Não só de família vive uma cultura, uma vez que ela quer, como nos aponta Freud, unir também libidinalmente os membros da comunidade, favorecendo diversos caminhos para que sejam estabelecidas fortes identificações entre eles, mobilizando o grau máximo de libido inibida na meta (energia sexual que não cumpre seu destino final) para que seja fortalecido os

vínculos comunitários através das relações de amizade. Para que isso seja possível, é inevitável a limitação da vida sexual.

A partir disso, Freud destaca uma antiga exigência ideal da sociedade de cultura que trabalhará ao longo do tempo: “Amarás o próximo como a ti mesmo” (FREUD, 1930/2020b, p. 360). Mas como seria possível cumprir esse mandamento, indaga-se Freud? Afinal, a psicanálise demonstra que o amor está no campo narcísico e presume-se que, quando se ama outro, este deve merecê-lo de algum modo. Uma vez que se pressupõe amá-lo como a mim mesmo, no mínimo deverá em importantes aspectos se assemelhar tanto a mim que posso amar a mim mesmo nele, como nos processos de ideal de eu. Segundo Freud,

[...] irá merecê-lo se for tão mais perfeita do que eu que nela eu possa amar o meu ideal de minha própria pessoa. Tenho de amá-la se for o filho de meu amigo, pois a dor do amigo, caso um sofrimento o atinja, seria também a minha dor, eu teria de partilhá-la. Mas, se ela me for desconhecida, se não puder atrair-me por meio de nenhum valor próprio, por nenhuma importância que já tenha assumido em minha vida afetiva, ser-me-á difícil amá-la. E até mesmo estaria sendo injusto ao fazê-lo, pois o meu amor é considerado por todos os meus como uma preferência; seria uma injustiça contra eles colocar-lhes um estranho em pé de igualdade. (FREUD, 1930/2020b, p. 360-361)

Outras dificuldades impostas dizem respeito ao fato de que este outro, ao qual deve-se amar, não apenas não é digno de amor como também ele tem mais direito à minha hostilidade, ao meu ódio. Afinal, Freud, ao refletir sobre as relações com o outro, define que este não hesitará em “ofender-me, caluniar-me, em mostrar seu poder sobre mim, e, quanto mais seguro ele se sente e mais desamparado eu fico, com maior certeza poderei esperar essa conduta dele contra mim.” (FREUD, 1930/2020b, p. 361).

Entretanto, quando esse desconhecido se comporta de maneira diferente, o poupa e o considera, retribuimos na mesma moeda. Se esse mandamento fosse substituído por “Ama teu próximo como o teu próximo te ama” (FREUD, 1930/2020b, p. 361), em nada teria a se opor. Sobretudo, há diferenças na conduta humana que a ética classifica como “boas” ou “más”, mas essas classificações foram conduzidas por condições determinadas. Isto é, Freud aponta para o fato de que enquanto essas inegáveis diferenças não forem superadas, obedecer a essas elevadas exigências éticas que a cultura impõe implicará danos aos propósitos dela. Freud destaca que as pessoas gostam de negar o fato de que:

o ser humano não tem uma natureza pacata, ávida de amor, e que no máximo até consegue defender-se quando atacado, mas que, ao contrário, a ele é dado o direito de também incluir entre as suas habilidades pulsionais uma poderosa parcela de inclinação para a agressão. Em consequência disso, o próximo não é, para ele, apenas um possível colaborador e um objeto sexual, mas é também uma tentação, de com ele

satisfazer a sua tendência à agressão, de explorar a sua força de trabalho sem uma compensação, de usá-lo sexualmente sem o seu consentimento, de se apropriar de seus bens, de humilhá-lo, de lhe causar dores, de martirizá-lo e de matá-lo. (FREUD, 1930/2020b, p. 363)

Retomemos a frase de autoria do dramaturgo romano Plauto, apropriada pelo filósofo inglês Thomas Hobbes: “O homem é o lobo do homem” (FREUD, 1930/2020b, p. 363), no que Freud articula: “quem é que tem a coragem, depois de todas as experiências da vida e da história, de contestar essa frase?” (FREUD, 1930/2020b, p. 363). A existência dessa propensão à agressão, que sentimos em nós mesmos e nos demais, Freud afirma ser “o fator que perturba a nossa relação com o próximo e obriga a cultura a arcar com seus custos” (FREUD, 1930/2020b, p. 361).

Devido a essa hostilidade primária entre os homens, a sociedade é constantemente ameaçada de desintegração. O interesse comum da comunidade de trabalho não a manteria em unidade, pois as “paixões pulsionais são mais fortes do que interesses sensatos” (FREUD, 1930/2020b, p. 364). Com isso, a cultura tem de recorrer a tudo para pôr limites às pulsões agressivas do homem. Daí, explica-se a razão para o uso de métodos que devem instigar as pessoas a estabelecer relações amorosas e identificações inibidas em sua meta. Daí também as restrições à vida sexual e o mandamento ideal de amar o próximo como a si mesmo que, para Freud, é um mandamento verdadeiramente contrário à natureza humana original.

Freud faz uma reflexão acerca do comunismo, em que critica o fato de considerarem a propriedade privada como o único mal que assola os seres na sociedade capitalista. Entretanto, Freud afirma que também no comunismo o “traço indestrutível da natureza humana também acompanhará esse desenvolvimento [da cultura] aonde quer que ele vá” (FREUD, 1930/2020, p. 366).

Com isso, Freud faz um retorno ao conceito de narcisismo das pequenas diferenças, para justificar a seguinte formulação:

Evidentemente não será fácil para os seres humanos renunciar à satisfação dessa tendência à agressão; eles não se sentem bem em relação a ela. Não deve ser menosprezada a vantagem de um círculo cultural mais restrito, a de permitir à pulsão encontrar uma saída na hostilização daqueles que se acham fora dele. Sempre é possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras para que se exteriorize a agressividade. Uma vez ocupei-me com o fenômeno de que justamente comunidades vizinhas e até próximas uma das outras em outros aspectos atacam-se e ridicularizam-se, como os espanhóis e os portugueses, os alemães do norte e os do sul, os ingleses e os escoceses etc. Dei a esse fenômeno o nome de “narcisismo das pequenas diferenças. (FREUD, 1930/2020b, p. 367)

Para Freud, “se a cultura impõe, não apenas à sexualidade, mas também à tendência à agressão do ser humano, tão grandes sacrifícios, então entendemos melhor por que se torne difícil para o ser humano nela sentir-se feliz.” (FREUD, 1930/2020b, p. 367). Situando os impasses relativos à satisfação pulsional que a cultura impõe ao sujeito, Freud aponta que “o ser humano da cultura trocou um tanto da possibilidade de felicidade por um tanto de segurança” (FREUD, 1930/2020b, p. 368).

Assim, seguindo suas formulações em *Psicologia das massas e análise do Eu* (FREUD, 1921/2020a), ao dizer que “existem dificuldades inerentes à essência da cultura e que não cederão a nenhuma tentativa de reforma” (FREUD, 1930/2020b, p.368), Freud alerta para o perigo do surgimento de um estado que se pode dominar como “a miséria psicológica da massa” (FREUD, 1930/2020b, p. 368). Tal perigo, “é mais ameaçador lá onde a ligação social é estabelecida sobretudo por identificação dos participantes entre si, enquanto personalidades de liderança não atingem aquela importância que lhes seria devida na formação de massa” (FREUD, 1930/2020b, p. 368-369).

Ao voltar-se para as pulsões de agressão, Freud aponta que, ao longo do desenvolvimento da teoria psicanalítica, a teoria das pulsões foi a que mais arduamente formou seu caminho. Apoiou-se na frase do poeta filósofo Schiller, segundo a qual “a fome e o amor” mantém coesa a engrenagem do mundo (FREUD, 1930/2020b, p. 370). A fome representaria as pulsões que querem manter o ser individual, enquanto o amor procura pelos objetos; sua função principal, seria a conservação da espécie. Assim, desde os primórdios se defrontaram pulsões do Eu e pulsões objetais. Essas pulsões objetais, Freud designa como “libido” (FREUD, 1930/2020b, p. 370). Com isso, se deu a oposição entre as pulsões do Eu e as pulsões “libidinais” do amor no sentido lato, dirigidos para o objeto. Dentre essas pulsões, destaca-se a sádica, por ser uma pulsão em que sua meta não é nada amorosa. O sadismo faz claramente parte da vida sexual, em um contraponto em que o jogo da crueldade podia suceder ao da ternura. Mas essa indica o fato de que a neurose aparece como o desfecho de uma luta entre o interesse a autopreservação e as exigências da libido, uma luta onde uma vez que o Eu vence, vence ao custo de severo sofrimento e renúncia.

Com efeito, lembremos do conceito de narcisismo, isto é, a dimensão de que o próprio Eu se acha investido de libido e constitui mesmo o reduto original dela, o que em certa medida permanece, por assim dizer, o seu quartel general (FREUD, 1930/2020b, p. 370). Como vimos, essa libido narcísica volta-se para os objetos, tornando-se então libido objetal e podendo transformar-se novamente em libido narcísica. Essa dimensão torna possível compreender analiticamente a neurose traumática, assim como a psicose e afecções similares. Concluir que

as pulsões do Eu também eram libidinais revelou para Freud o fato de que as pulsões não poderiam ser todas da mesma espécie (FREUD, 1930/2020b, p. 371).

Isto é, foi em seu texto *Além do princípio do prazer* (1920) que foi introduzida a ideia da compulsão de repetição e do caráter conservador da vida pulsional. Freud partiu de teorias sobre o começo da vida e de paralelos biológicos para concluir que deveria haver, além da pulsão para conservar a substância vivente e juntá-la em unidades cada vez maiores, também um outro, oposto a esse, que busca dissolver essas unidades e conduzi-las ao estado primordial inorgânico (FREUD, 1930/2020b, p. 371). Ou seja, ao lado de Eros, haveria uma de morte, Thanatos. As manifestações de Eros, diz Freud, são visíveis e ruidosas, levando a crer que a pulsão de morte trabalharia silenciosamente, no interior do indivíduo. Além disso, Freud também apresenta a ideia de que uma parte da pulsão se volta contra o mundo externo e depois vem à luz como pulsão de agressão e destruição. Dessa forma, a própria pulsão estaria a serviço de Eros, na medida em que o vivente destruiria outras coisas, animadas e inanimadas, ao invés de a si próprio. Em contrapartida, a limitação dessa agressão voltada para fora necessariamente aumentaria a autodestruição, sempre existente.

Com isso, Freud chega à noção de que, a partir desse exemplo, pode-se suspeitar que as duas espécies de pulsão – pulsão de vida e pulsão de morte – raramente surgem isoladas uma da outra, mas fundem-se em proporções diferentes e muito variadas, tornando-se irreconhecíveis para distingui-las. Tomando o sadismo como exemplo, existe essa fusão particularmente forte entre o impulso ao amor e a pulsão de destruição; também no masoquismo, observa-se uma ligação da destruição dirigida para dentro com a sexualidade, tornando visível essa tendência normalmente imperceptível.

No sadismo e no masoquismo essas manifestações sempre estiveram presentes, fortemente mescladas com o erotismo, da pulsão de destruição voltado para fora e para dentro, mas que não mais pode-se ignorar a onipresença da agressividade e destrutividade não erótica, deixando de lhe conceder o devido lugar na interpretação da vida. Freud recorda-se da sua própria resistência a esse conceito de pulsão de destruição quando surgiu pela primeira vez na literatura psicanalítica.

Em referência a um poema de Goethe, Freud relaciona essa resistência ao fato de que:

as criancinhas não gostam de ouvir, quando é mencionada a inclinação inata do ser humano para o “mal”, para a agressão, para a destruição, e também para a crueldade. É que Deus as criou à imagem de sua própria perfeição e ninguém quer ser lembrado do quanto é difícil unir [...] a inegável existência do mal com a Sua onipotência ou Sua bondade. O Diabo seria a melhor saída enquanto justificativa para Deus. (FREUD, 1930/2020, p. 373)

O pendor à agressão seria então, para Freud, uma disposição da pulsão original e autônoma do ser humano, e é nesse ponto que a cultura encontra seu maior e mais poderoso obstáculo. Ao longo de sua investigação, Freud expõe a ideia de que a cultura é um processo especial que se desenrola na humanidade. Acrescenta que isso é um processo a serviço de Eros, que pretende juntar indivíduos isolados, famílias, etnias, povos e nações em uma grande unidade, a da humanidade. Simplesmente é a obra de Eros. Afirma que essas multidões humanas devem ser ligadas libidinalmente entre si, pois a necessidade apenas, as vantagens do trabalho em comum não são capazes de as manterem juntas. Com isso, categoricamente, Freud concebe que a esse programa da cultura se opõe a pulsão natural de agressão dos seres humanos, a hostilidade de um contra todos e todos contra um. Essa pulsão de agressão é o derivado e maior representante da pulsão de morte, Thanatos, que se encontra ao lado de Eros e que partilha com ele o domínio do mundo.

Com isso, Freud chega a sua conclusão sobre o movimento da cultura de modo mais essencial, em que essa nos apresenta a luta entre Eros e Thanatos, pulsão de vida e pulsão de morte, tal como visto na espécie humana. “Essa luta é, sobretudo, o conteúdo essencial da vida, e por isso o desenvolvimento da cultura pode ser caracterizado, sem mais delongas, como a luta da espécie humana pela vida” (FREUD, 1930/2020b, p. 376).

Retomando as bases do caminho teórico sobre o conceito de Supereu, Freud questiona: “De quais meios a cultura se serve para inibir a agressão que ela se opõe, para torná-la inofensiva e para talvez eliminá-la?” (FREUD, 1930/2020b, p. 377). Justamente a instância do Supereu vem responder essa pergunta. Freud aponta que a consciência moral exerce contra o Eu um meio de coerção e controle para as forças agressivas, de modo que a “agressão é introjetada, interiorizada, mas na verdade, é enviada de volta para o lugar de onde veio, portanto, é voltada contra o próprio Eu” (FREUD, 1930/2020b, p. 377). Essa agressão interiorizada é assumida como a instância do Supereu, pelo qual exerce uma tensão contra o Eu no que podemos identificar como o sentimento de culpa, essa que se manifesta como “necessidade de punição” (FREUD, 1930/2020b, p. 377). Assim, a cultura “lida, portanto, com o perigoso prazer de agressão do indivíduo, enfraquecendo-o, desarmando-o e vigiando-o, por meio de uma instância em seu interior, como se fosse a ocupação de uma cidade conquistada” (FREUD, 1930/2020b, p. 377).

O sentimento de culpa é interiorizado mesmo que a pessoa não tenha feito nenhum ato mal (devotos diriam pecaminoso), basta a intenção em pensamento. Neste caso, a intenção é tida como execução. Freud rejeita a ideia de um discernimento inato que diferencia o bem do

mal, afirmando que essa distinção fica a serviço da cultura, "é ela que determina o que deve ser chamado de bem ou de mal" (FREUD, 1930/2020b, p. 378). Ele descreve o medo da perda de amor como uma manifestação do desamparo na dependência do outro, onde a perda de amor implica na perda de proteção, "expondo-se sobretudo ao perigo de esse outro superpotente lhe provar sua superioridade na forma de punição" (FREUD, 1930/2020b, p. 378). A internalização da autoridade através da formação de um Supereu gera, não apenas o medo da perda de amor, mas também o medo de ser descoberto. Freud considera o campo da consciência moral como uma expressão visível da instância do Supereu, marcando a renúncia pulsional como parte da esquiva de tal agressividade interiorizada contra o Eu. No entanto, essa renúncia não dá conta dos desejos que sustentam o indivíduo, pois não ficam ocultos do Supereu, a "perda do amor e punição por parte da autoridade externa – foi trocada por uma continuada infelicidade, a tensão da consciência de culpa" (FREUD, 1930/2020b, p. 382).

Freud argumenta que a renúncia aos impulsos agressivos não alivia diretamente o sentimento de culpa. Pelo contrário, a renúncia aumenta a agressão internalizada pelo Supereu, "o efeito da renúncia pulsional sobre a consciência moral ocorre, então, de maneira tal que cada parcela de agressão que deixamos de satisfazer é assumida pelo Supereu, e a sua agressão (contra o Eu) aumenta" (FREUD, 1930/2020b, p. 384). Além disso, o impulso vingativo das crianças, em resposta às restrições impostas pelas autoridades, trabalha no psiquismo por vinganças substitutivas: "Se eu fosse o pai e você o filho, eu te trataria mal" (FREUD, 1930/2020b, p. 385). O que também contribui para o sentimento de culpa, uma vez que não só pela via da perda do amor que a criança renuncia às pulsões agressivas.

Assim, Freud enfatiza a importância da culpa no desenvolvimento da cultura, observando que o avanço da cultura está associado a uma perda de felicidade devido à intensificação do sentimento de culpa. A culpa desempenha um papel crucial no mal-estar da cultura, e Freud aproxima o desenvolvimento do indivíduo para pensar o que ocorre na cultura, destacando que o "Supereu de uma época cultural tem uma origem semelhante ao do ser humano individual" (FREUD, 1930/2020b, p. 399-400). Ele argumenta que o Supereu da cultura estabelece exigências ideais severas, especialmente na área da ética, que é valorizada como essencial em todas as culturas, ao passo que é visto como o ponto mais vulnerável.

O Supereu-da-cultura desenvolveu seus ideais e elevou as suas exigências. Entre as últimas, as que dizem respeito às relações dos seres humanos entre si são agrupadas como Ética. Em todas as épocas, atribui-se o maior valor a essa Ética, como se precisamente dela se esperassem realizações especialmente importantes. E, de fato, a Ética se volta para aquele ponto que, em qualquer cultura, é facilmente reconhecível como o lugar mais frágil. (FREUD, 1930/2020b, p. 401)

Dessa forma, o mandamento "ama teu próximo como a ti mesmo" é considerado a defesa mais poderosa contra a agressão humana e "um exemplo excelente do procedimento não psicológico do Supereu-da-cultura" (FREUD, 1930/2020b, p. 402). Assim, aponta uma questão importante ao questionar se uma vez que o desenvolvimento da cultura guarda semelhanças tão significativas com o desenvolvimento do indivíduo, poderíamos considerar a cultura como "neuróticas sob a influência dos anseios culturais?" (FREUD, 1930/2020b, p. 403).

A partir da exposição sobre o *Mal-estar na cultura* (FREUD, 1930/2020b), voltemo-nos às considerações de Lacan que mencionamos anteriormente. A perspectiva lacaniana sobre o Supereu considera, sobretudo, a sua gula estrutural, insaciável. Como um imperativo de gozo, uma das bases que alicerçam a forma como Lacan irá retomar esse conceito é encontrada no *Seminário, livro 7: A ética da psicanálise* (1986), em que irá tecer reflexões sobre um mandamento que expressa a ordem cultural do Supereu, como vimos, o do amor ao próximo, discutido por Freud em o *Mal-estar na cultura*. Visto como um mandamento impossível para Freud, este nos envia direto aos paradoxos das soluções pela via do amor e a complexidade das relações do humano com o seu "semelhante", que é capaz de matá-lo e torturá-lo.

Lacan, por sua vez, irá considerar a perspectiva de Freud diante desse mandamento como um recuo em relação ao gozo do próximo, este que é, simultaneamente, semelhante e diverso. Nas palavras de Lacan, "se continuarmos seguindo Freud num texto como o *Mal-estar na civilização*, devemos formular isto, que o gozo é um mal. Quanto a isso Freud nos guia pela mão – ele é um mal porque comporta o mal do próximo. [...] Ele escreve o *Mal-estar na civilização* para nos dizer isso." (LACAN, 1986/1991, p. 225).

Segundo Lacan, Freud aponta que o amor é algo precioso e que não iremos dá-lo simplesmente a cada um que se apresente como é apenas porque ele se aproximou. Entretanto, ao remeter-se às observações de Freud que incluem o que vale a pena ser amado, esse bem que é o nosso amor, Lacan afirma que Freud elude que "talvez seja justamente ao tomar essa via que percamos o acesso ao gozo." (LACAN, 1986/1991, p. 227). O mandamento de amar ao próximo não é da natureza do bem, de ser altruísta. Ao contrário, Lacan afirma que:

Podemo-nos fundamentar nisto, que cada vez que Freud se detém, como que horrorizado diante da consequência do mandamento do amor ao próximo, o que surge é a presença dessa maldade profunda que habita no próximo. Mas, daí, ela habita também em mim. E o que me é mais próximo que esse âmagô em mim mesmo que é o do meu gozo, do que não me ousou aproximar? Pois assim que me aproximo – é esse o sentido do *Mal-estar na civilização* – surge essa insondável agressividade diante da qual eu recuo, que retorno contra mim [...]. (LACAN, 1986/1991, p. 227)

É diante do gozo que contém essa agressividade que há um recuo, que Lacan localiza como o mesmo tipo de recuo que Freud manifesta em relação ao mandamento do amor ao próximo, devido à resistência que apresenta, “como que horrorizado”. O mandamento se estabelece a nível de uma identificação imaginária; uma vez que o outro aparece como semelhante, o que quero é o bem dos outros à imagem do meu. Mas Lacan afirma que “isso não vale grande coisa”, o que quero é “o bem dos outros contanto que permaneça á imagem do meu” (LACAN, 1986/1991, p. 229). Sobretudo, ele desloca a problemática do mandamento da questão do amor para a questão do gozo. Nas palavras dele:

Talvez esteja aqui o sentido do amor ao próximo que me poderia tornar a dar a verdadeira direção. Para isso seria preciso enfrentar que o gozo de meu próximo, seu gozo nocivo, seu gozo maligno, é ele que se propõe como o verdadeiro problema para o meu amor. (LACAN, 1986/1991, p. 229)

Essa identificação imaginária contida no mandamento, representa, no ensino de Lacan, um processo essencial da formação do Eu. Trata-se do estádio do espelho, tese formulada por Lacan que demonstra que é por meio de uma identificação que a criança pequena antecipa imaginariamente a forma total de seu corpo, sendo este fundador da instância do Eu. O reconhecimento da imagem especular, essa identificação narcisista, é o pressuposto das séries identificatórias que irão constituir o Eu e depende da mediação do Outro, que autentifique essa descoberta. Assim, na formação do Eu em Lacan, a relação consigo mesmo é também a relação com um outro. Dessa forma, podemos aludir que a estranheza em relação ao gozo do outro, no qual Lacan se refere, é também a estranheza em relação ao meu próprio gozo.

Ao localizarmos o mandamento que, segundo Freud, expressa uma ordem cultural do Supereu, para Lacan, como uma dimensão em relação ao gozo do próximo, remetemo-nos agora a algumas formulações de seu ensino sobre esse conceito. Como vimos, um dos argumentos que Lacan estabelece em relação ao gozo no seminário da Ética, “gira em torno da noção de agressividade como algo articulado ao gozo, enquanto nó que liga a libido à pulsão de morte” (RINALDI, 1996, p. 89). Articulado a isto, podemos nos remeter a algumas passagens do seu ensino. É no *Seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante* (1971/2007) que Lacan profere uma enigmática passagem no qual diz: “A única coisa de que nunca tratei é do supereu.” (LACAN, 1971/2007, p. 84). Para Pena, Moreira e Guerra (2020, p. 48), “apesar do enigma que envolve a frase, Lacan aponta aí para o intratável do supereu, pois dessa instância não se trata jamais. Portanto, com o supereu não há negociação: sua gula é estrutural, insaciável.”.

Ainda nesse seminário, Lacan afirma que a grande invenção da segunda tópica é o supereu (LACAN, 1971/2007, p. 166). Dessa forma, questiona-se qual seria a essência do supereu e qual seria sua prescrição. Localiza, em suma, que ela se origina nesse “Pai original mais do que mítico, nesse apelo como tal ao gozo puro, isto é à não castração.” (LACAN, 1971/2007, p. 166). Assim, dando notícias novamente da dimensão intratável do supereu, de uma ordem impossível de cumprir, afirma, “Com efeito, que diz esse pai no declínio do Édipo? Ele diz o que o supereu diz. Não é à toa que ainda não o abordei realmente até agora. O que o supereu diz é: Goza!” (LACAN, 1971/2007, p. 166). Deste modo, em sua gula estrutural, o supereu volta-se contra o sujeito como um imperativo de gozo. Em outro momento de seu ensino, Lacan formula, ainda mais categoricamente: “nada força ninguém a gozar, exceto o supereu. O supereu é o imperativo do gozo: Goze!” (LACAN, 1972-73/2010, p. 14).

Exposto esse caminho teórico de Freud, sobre a formação do Eu e sua relação com a cultura e a alteridade, podemos concluir que a formação do Eu, a partir do conceito de Supereu, pressupõe a instituição de uma instância de poder no próprio Eu, fruto das relações objetais e dos processos de identificação e sua adequação às idealizações do ideal de Eu. Ao fim e ao cabo, o que concluímos com Freud é que a constituição do Eu está intimamente ligada às relações com o outro, sendo o campo da alteridade fundamental nesse processo. Com Lacan, vimos a dimensão destrutiva do gozo no mandamento do amor ao próximo e como um imperativo do Supereu, a partir do que localiza a problemática do gozo do próximo: “a presença dessa maldade profunda que habita no próximo”. Esse gozo, portanto, que é semelhante, diverso e que comporta a noção de agressividade.

Assim, somos convocados a pensar “a subjetividade de nossa época” (LACAN, 1998) à luz do que colhemos como mal-estar na cultura hoje e suas relações com o sujeito do inconsciente.

3.2 Considerações sobre o mal-estar na cultura no Brasil

Voltemo-nos então à nossa época atual, no recorte da presente pesquisa: os movimentos de massa de 2013 e 2015. Como vimos no primeiro capítulo, a energia despertada em 2013 foi mobilizada e apropriada para as manifestações de 2015. Nossa hipótese é a de que no estágio inicial desse discurso que passou a se organizar na sociedade brasileira em 2013, houve um processo de inflexão para que esse discurso se transformasse na massa psicológica de 2015, culminando nos novos rumos do cenário político brasileiro nos anos que viriam a seguir. Em seu apogeu, é eleito o presidente Jair Messias Bolsonaro, representante da massa bolsonarista. Assim, partimos para uma análise sócio-histórica do Brasil articulada à nossa análise da economia libidinal, como vimos no primeiro capítulo e também neste capítulo, ao abordarmos os conceitos de ideal do Eu, identificação e Supereu.

Talvez, a pergunta seja: quais foram as condições necessárias para que víssemos ao longo desses últimos dez anos o crescimento de uma resposta fascista frente ao nosso mal-estar contemporâneo?

No contexto do capitalismo tardio, ou melhor, do “realismo capitalista”¹¹ (FISHER, 1968/2017), em suas patentes contradições e promessas não cumpridas, sob a égide da ideologia neoliberal, precisamos, nas palavras de Safatle (2022, p. 8), “levar a dialética do esclarecimento a sério.” Ou seja, o que podemos identificar como a expressão da violência e das contradições produzidas pelo próprio processo do desenvolvimento capitalista?

Importantes mudanças sociais (trabalho, educação e religião) ocorreram no Brasil, principalmente, na última década. Entre elas, destacamos o processo de uberização do trabalho (SABINO; ABÍLIO, 2019). Processo marcado pelo progresso tecnológico nano-digital inédito que trouxe não a diminuição do tempo fora do trabalho, mas o seu contrário, devido a principal característica desse novo estágio da exploração do trabalho, oferecido por plataformas digitais online, em que o trabalhador fica conectado a elas. Essa nova forma reatualizou e ampliou formas violentas e “atrasadas” de trabalho em escala global e, conseqüentemente, ampliou a

¹¹ Acepção do autor Mark Fisher em seu livro “Realismo Capitalista”(2017), que critica a ideologia dominante do capitalismo tardio, escancarando suas contradições e as promessas não cumpridas do neoliberalismo, no campo cultural, na burocratização da vida e no aumento dos problemas de saúde mental. Segundo França (2017), o conceito é um esforço de nomeação de um sintoma, que diz respeito à angústia violentamente incutida por meio do discurso do “fim da história” e de que “não há alternativa” ao capitalismo. Sendo mais fácil imaginarmos o fim do mundo do que o fim do capitalismo.

possibilidade de acumulação capitalista em uma série de setores. Estabelece, a princípio, um não limite material para imputação desta dinâmica à boa parte dos setores laborais, o que é exemplificado, claramente, pelo chamado “*Uber Works*” e pela exceção jurídica sistemática praticada por esta dinâmica no mundo do trabalho. O que nos remete ao pensamento de Walter Benjamin (1940/2012), ao dizer que “A tradição dos oprimidos nos ensina que o estado de exceção em que vivemos é na verdade regra geral”, afirmação cada vez mais perpetrada pelo capitalismo tardio.

Uma das mudanças sociais ocorridas no Brasil na última década foi a reforma trabalhista (Lei 13.467/2017), que favoreceu o processo de uberização e precarizou de forma acentuada as relações de trabalho. Essa reforma representou o mais profundo conjunto de alterações já realizado nos dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Promulgada em julho de 2017, foi programada para entrar em vigor 120 dias depois (Agência Senado), sendo uma das medidas tomadas pelo governo de Michel Temer, presidente que assumiu o governo após o golpe político-parlamentar contra a presidenta Dilma Rousseff, justamente para atender aos interesses políticos do mercado. O golpe de 2016 ocorre para aprofundar o neoliberalismo e o domínio do capital financeiro na economia brasileira, e tinha como objetivo aprovar diversas reformas para atender a esses fins. A reforma trabalhista de 2017 representou um grave ataque aos direitos do trabalhador brasileiro, agravando a crise de emprego e renda. Segundo o analista político Marcos Verlaine, do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap), “sai a consolidação das leis do trabalho e entra a consolidação das leis de mercado. A legislação vigente privilegia o patrão e o mercado em detrimento do trabalhador” (GUIMARÃES, 2018).

Outra característica de suma importância nesse processo de uberização é a conformação de uma subjetividade neoliberal e/ou empreendedora, na qual os indivíduos passam a se ver cada vez mais como empresários de si e, de forma mais profunda, o sujeito passa a ser estruturado como empresa. Foucault, em seus ensaios sobre o neoliberalismo (1977-1978), pontua que o neoliberalismo não seria a mera mudança econômica no sentido de diminuição do estado de bem-estar social, mas sim a constituição de uma nova subjetividade, uma nova arte de governar, na qual os sujeitos passam a ser conformados como empresas, de modo que os mecanismos de oferta, demanda e concorrência passam a ser a medida das subjetividades e das relações sociais. Generaliza, portanto, de forma ativa e sistemática, inclusive por meios políticos e pelo Estado, a forma empresa para todas as esferas da vida e da sociedade. Tal raciocínio é reaproveitado por Dardot e Laval (2016), que revelam o que há de novo no neoliberalismo: uma racionalidade global, que não se reduz a apenas uma doutrina econômica e ideológica, mas que vem transformando profundamente as sociedades de forma subterrânea

e difusa, estendendo seu sistema normativo a todas as relações sociais, sem poupar nenhuma esfera da existência humana.

Como dissemos no segundo capítulo, essas transformações profundas que vêm ocorrendo nas sociedades através dos avanços da ciência e tecnologia se conjugam aos interesses da economia capitalista. Segundo Rinaldi (2021, p. 58), tiramos duas consequências do “reino absoluto do mercado” sob esse regime econômico neoliberal: de um lado temos um discurso do excesso, que se apresenta como um imperativo a um empuxo ao consumo, representando uma maneira sintomática de responder a essa cultura, nos remetendo a um gozo desmedido. Acrescentamos que, junto a isso, no contexto das redes sociais, a forma como o Supereu ordenará esse gozo se expressa no consumo da própria mídia, transformada em mercadoria. Isto é, as redes estimulam, através de seu funcionamento algorítmico, esse imperativo capitalista, ao consumirmos as redes, as *timelines*, ao mesmo tempo também em que fornecemos nossos dados, como vimos com Zuboff (2021), em sua conceituação do excedente comportamental.

De outro lado, Rinaldi (2021, p. 58), em referência a uma passagem de Lacan, salienta que “temos a segregação e a manipulação das populações, como consequência da universalização introduzida pela ciência, da qual os campos de extermínio nazistas são apenas os precursores”. Diz Lacan: “Nosso futuro de mercados comuns encontrará o seu equilíbrio numa ampliação cada vez mais dura dos processos de segregação” (LACAN, 1967/2003, p. 263).

Nesse sentido, salientamos como nesses “processos de segregação”, na manipulação das populações, próprios da lógica capitalista, é produzida uma racionalidade neoliberal que promove um afastamento do horizonte público, do senso de comunidade e solidariedade necessários à vida em sociedade. O processo de uberização, por exemplo, retira o estatuto de trabalhador para o de um “nano empresário de si” (ABÍLIO, 2017), retirando-lhe garantias mínimas ao mesmo tempo que mantém sua subordinação pela forma como operam esses aplicativos empresas. Na lógica neoliberal, é cada um por si, favorecendo dinâmicas de competitividade incutidas na ideia da meritocracia, ou seja, basta o trabalho se esforçar que irá prosperar, sem precisar da ajuda do Estado e não importando sua origem social, de classe ou de raça. Esse raciocínio, especialmente no Brasil, representa uma falácia. Haja visto que o perfil típico destes trabalhadores, segundo a pesquisa promovida pela Aliança Bike (2019), do entregador ciclista de aplicativo, é: homem, negro, entre 18 e 22 anos de idade e com ensino médio completo, que estava desempregado e agora trabalha todos os dias da semana, de 9 a 10 horas por dia, com ganho médio mensal de R\$ 992,00.

Este “perfil”, do jovem negro periférico, corresponde também às populações marginalizadas de nossa sociedade, que são as que mais sofrem com a violência estrutural que marca a sociedade e o Estado no Brasil. Como disse o ator brasileiro Wagner Moura, no lançamento do filme *Marighella* no Festival de Berlim (2019): “A polícia no Brasil não é treinada para proteger os cidadãos, é treinada para proteger o Estado. E o Estado escolhe quem são seus inimigos”. Um fator estrutural dessa violência é o fato de que o Brasil foi um país criado sob as bases de uma colônia de exploração com o uso massivo de mão de obra escravizada vinda de países Africanos. Como caracterizado pelo atual ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil, Silvio Almeida (2019), o racismo está na estrutura social, política e econômica da sociedade brasileira.

Sendo assim, nos remetemos ao que Clóvis Moura, em uma análise profunda sobre a realidade do povo negro no Brasil, articula em relação ao processo de escravização desta população e o racismo que segue como um problema político-social do Brasil. Em sua análise, Moura (1994/2014) articula o entendimento de que o racismo no Brasil não é simplesmente um resquício de uma sociedade arcaica, marcada pela escravidão enquanto modo de produção, e, portanto, poderia ser enfrentado conforme os meios de produção avançassem com o capitalismo. Ao contrário, o racismo no Brasil é um elemento central que está na gênese do próprio capitalismo brasileiro, que reverbera até os dias atuais na realidade objetiva e subjetiva de nossa sociedade. A exemplo disso, o processo de uberização, como vimos anteriormente, recai majoritariamente sobre a população negra. Afinal, não seriam esses trabalhadores precarizados os escravos modernos do capital?

Nas palavras de Ribeiro (1995, p. 452), sobre nossas condições estruturais: “nunca houve, aqui um povo livre, regendo seu destino na busca de sua própria prosperidade.”. Na realidade, a ordenação social brasileira é estruturada da seguinte forma:

O que houve e o que há é uma massa de trabalhadores explorada, humilhada e ofendida por uma minoria dominante, espantosamente eficaz na formulação e manutenção de seu próprio projeto de prosperidade, sempre pronta a esmagar qualquer ameaça de reforma da ordem social vigente. (RIBEIRO, 1995, p. 452)

Em sua violência estrutural, podemos reconhecer o Brasil como “o país que representa o maior experimento de necropolítica colonial da história moderna.” (SAFATLE, 2022, p. 6). No interior da sociedade brasileira, encontramos uma predisposição social ao fascismo, uma vez que: “tal dinâmica necropolítica responde, após o ocaso das relações coloniais explícitas, às estratégias de preservação de interesses de classe, na qual o estado age, diante de certas

classes, como ‘estado protetor’, enquanto age diante de outras como ‘estado predador’” (SAFATLE, 2022, p. 7). Como assinala o autor, a violência estatal é um solo fértil para o crescimento do fascismo e fortalece a militarização da sociedade, visto que:

Uma sociedade organizada por massacres administrativos periódicos, por chacinas policiais que visam lembrar a setores da população sua condição de ‘matáveis sem dolo’ precisa justificar sua violência através do imaginário do risco constante contra ‘cidadãos de bem’, precisa elevar o medo a afeto político central. (SAFATLE, 2022, p. 7-8)

Segundo Safatle, isso nos leva a uma consequência subjetiva na medida em que essa lógica alimenta a indiferença e uma certa desafeção social. “Ela cria um bloqueio em toda emergência possível de uma solidariedade genérica, naturalizando a lógica de predação social.” (SAFATLE, 2022, p. 7-8)

Acrescentamos que, junto a isso, vimos essa lógica de predação social e suas formas de manifestação serem amplamente difundidas nos últimos anos nas redes sociais. Retomamos outra passagem de Fisher (2023) para enfatizar esse argumento. Fisher, ao obter acesso a documentos internos do Facebook por um funcionário, ilustra nossa argumentação ao trazer a tona o teor desse material. Tal fonte interna da plataforma vazou esses documentos ao jornalista em uma tentativa de fazer um alerta em relação aos rumos perigosos que a rede estava tomando. Seu trabalho junto à sua equipe consistia em todos os dias sinalizar postagens do mundo inteiro caso desrespeitassem alguma regra ou ultrapassassem algum limite. Entretanto, ao longo de 2017 e 2018, esses trabalhadores notaram que as postagens haviam se intensificado em torno das matizes de ódio, conspiração e extremismo. O fato estarrecedor consiste na percepção de que quanto mais polêmica era a postagem, mais a plataforma espalhava. Tratava-se de um padrão que se desenrolava simultaneamente em dezenas de sociedades e idiomas ao redor do mundo que eram encarregados de supervisionar.

Outra ponto que destacamos é o fato de que após a plataforma saber que o jornalista estava com a posse desses documentos, o convidou para conversar sobre as políticas da empresa em torno dessa temática e, após sua visita, investiu em pesquisadores para estudarem os efeitos da sua tecnologia. Posteriormente, tal pesquisa seria vazada ao *Wall Street Journal* que revelou um dos trechos dos alertas dos pesquisadores: “Nossos algoritmos exploram a atração do cérebro humano pela discórdia” (FISHER, 2023, p. 21). Outro trecho revelava que os sistemas do Facebook eram projetados de forma que “levavam os usuários cada vez mais conteúdo de discórdia, de forma a conquistar a atenção e aumentar o tempo do usuário na plataforma” (p.

21). O que nos leva a concluir que a veiculação do ódio, dessa “predação social” da qual nos fala Safatle (2022), para as redes, gera cliques, logo, lucro.

Neste sentido, podemos pensar também no Supereu em seu imperativo de gozo que comporta a agressividade, como vimos anteriormente com Lacan em sua reflexão acerca do mandamento do amor ao próximo. As redes sociais, ao nos levarem aos diversos tipos de consumo, no consumo da própria mídia, transformada em mercadoria, nos impulsionam, através de seu comportamento algorítmico, ao consumo do ódio, desse gozo destrutivo que é semelhante e diverso. Indagamos, também, se o fascínio pelo conteúdo de discórdia vinculado pelas redes deriva disso, no nível dessa identificação imaginária, narcísica, com essa maldade que habita tanto o próximo como a mim. Acerca disso, nos remetemos a uma passagem de Laurent (2017/2020, p. 6) que nos parece esclarecedora: “segundo a implacável lei do espelho, cada um se faz de sapo e quer se inflar à potência do mercado globalizado. A internet é, portanto, um campo novo, oferecido à loucura de se acreditar Um na escala do mundo”. Nessa perspectiva, retomemos o que nos ensina Lacan (1973/2003, p. 528): o Supereu é estrutural, “não é um efeito da civilização, mas um mal-estar (sintoma) na civilização”. Seria esse imperativo, então, uma das expressões do Supereu “de uma época cultural”, marcada pela cultura capitalista neoliberal?

Lembremos o fato de que os discursos de ódio vinculados pelas redes sociais nos últimos anos corresponderam à expressão de algoritmos que são alimentados por bancos de dados, como vimos no segundo capítulo. Entretanto, “as máquinas não tem corpo, possuem uma estrutura material que suporta uma rede simbólica” (MAIA, 2022, p. 100). Essa rede simbólica retroalimenta os sujeitos usuários dessas redes sociais de acordo com determinados padrões que se formam, justamente, pelos dados produzidos pelos sujeitos que operam esses sistemas, e ainda, por padrões de comportamento dos usuários detectados pela máquina (MAIA, 2022). Ou seja, reproduzem o que já existe em nossas sociedades, através dessa captura de dados. Capturam, sobretudo, o nosso mal-estar, este que “não é uma categoria solipsista: antes, o sujeito é o resultado do antagonismo estrutural das exigências da vida pulsional e das restrições postas pela cultura” (IANNINI; TAVARES, 2020, p. 11).

Afinal, como já vimos, ao usarem as redes sociais, os sujeitos informam às máquinas os padrões de um certo eu, capturado por essa promessa de gozo garantido, reagrupado nessa massa de novo tipo que é unida libidinalmente em torno do mesmo objeto como ideal. Assim, chamamos a atenção para uma passagem de Laurent (2014), em que o autor diz: “o ódio comum pode unificar a multidão, ligada a uma identificação segregada ao líder”. Tal passagem nos leva a indagar se a multidão unida libidinalmente em torno do ódio teria sido uma expressão disso

que vimos na última década, nos movimentos de massa no Brasil, mobilizados pelas redes sobretudo a partir de 2015.

Isto posto, torna-se possível interpelar, a partir da questão do líder, de que forma as manifestações de 2013 e 2015 influenciaram e definiram as eleições de 2018, com a eleição do presidente Jair Bolsonaro e a difusão do “bolsonarismo”. Afinal, em todos esses eventos, as redes sociais foram ferramentas decisivas para a mobilização das massas e no apontamento do sentido dos rumos políticos do país. Com isso, retomamos um trecho do artigo de Rinaldi (2021):

Essas observações são também oportunas para pensarmos os tempos atuais, em que o discurso do ódio se explicita de forma contundente e passa a hegemonizar a cena política, com seus efeitos de violência e destruição que evidenciam de forma marcante a presença da pulsão de morte. Nesse contexto, vemos ressurgir o líder pelo avesso, que, ao encarnar o discurso do ódio, veiculado de forma maciça pelas redes sociais, não lidera, mas libera, como alguns têm apontado: libera o gozo da destruição do outro, só por ele ser o outro. Fruto da combinação dos efeitos das modernas tecnologias da Internet e das redes sociais sob a égide do discurso capitalista em tempos de neoliberalismo e da força da psicologia das massas, expressa-se nas organizações tradicionais de massas como a Igreja e o Exército. (RINALDI, 2021, p. 61)

Afinal, como vimos, a internet favoreceu nos últimos anos essa nova forma de organização e difusão de mensagens de convocação para as manifestações sociais. Ela pôde dividir, em comunidades estanques, públicos cada vez mais apartados em “câmaras de ecos”, onde uma vez dentro dessas bolhas ideológicas, cada um só ouve sua própria opinião reverberada em uma multidão de outros que pensam da mesma forma (LAURENT, 2017). As redes ocupam, assim, o lugar de Supereu ao formarem essa massa de novo tipo, operando um mandamento de gozo, este disseminado e capturado pelo capital, de forma digital, no avanço do neoliberalismo pelos algoritmos. Esses fatos tornam possível afirmar, segundo Maia (2022), que, de certa forma, os algoritmos estariam contribuindo para fortalecer a unidade, a massa dos indivíduos. Essa massa reunida em torno de um ódio comum. Apesar dos algoritmos não poderem por si só provocar o fascismo, eles fortalecem o que já existe entre nós (MAIA, 2022).

Na equação final, o que se observa é que, “se vivemos tempos de real ameaça autoritária, é porque o padrão fascista já está entre nós” (MAIA, 2022, p. 100), devido ao fato de os algoritmos serem programados por humanos que reproduzem as características da própria sociedade. Fato que corrobora com a tese de Safatle, da existência de uma predisposição social fascista na sociedade brasileira que tem relação com a nossa origem, nossa história e construção do Brasil como nação.

Além disso, esses fatos demonstram a ligação do fascismo com o desenvolvimento capitalista. Nas palavras de Dean (2022, p. 157), “os circuitos pulsionais do capitalismo comunicativo capturam energia política”. E essa captura irá servir aos interesses do capital, mesmo que isso signifique alimentar simbolicamente uma massa fascista, ao disseminar e levar os sujeitos ao consumo desse gozo de destruição em evidência nas *timelines*.

É o que vimos nos últimos anos, com a ascensão da extrema direita no Brasil, com a eleição de Jair Messias Bolsonaro, candidato na ocasião do Partido Social Liberal (PSL), eleito o 38º presidente da República, aos 63 anos, capitão reformado do Exército, deputado federal desde 1991 e desde então conhecido por uma lista de declarações polêmicas. Sua campanha presidencial contou com uma tecnologia política inédita, por meio das redes sociais e do aplicativo de mensagens WhatsApp, através dos quais propagou ‘*fake news*’, apostou em um discurso conservador nos costumes, liberal na economia, mas, principalmente, opositor do Partido dos Trabalhadores (PT) e da esquerda como ideologia política (MAZUI, 2018).

Esse “combate à esquerda”, ideia tão presente e difundida na campanha de Bolsonaro, exprime o que Ortellado e Solano (2016) perceberam ao analisarem as manifestações de 2015, o legado do ciclo de protestos de junho de 2013 no qual:

[...] na ausência de grupos progressistas desvinculados dos partidos políticos, para além do MPL, que fossem capazes de dar orientação e liderança para a indignação que foi despertada, os grupos liberais e conservadores se aproveitaram da oportunidade para moldar e explorar politicamente a insatisfação. (p. 178)

Neste sentido, a campanha de Jair Messias Bolsonaro foi marcada por um discurso de promessas de segurança seja no âmbito social, seja no âmbito político. Desse modo, foi construída uma retórica em que o governo de Bolsonaro representaria “uma força que repudiava o jogo institucional predominante na vida política do país” (SINGER et al., 2020, s.p.). Sua proposta de governo “soube se aproveitar do impulso anti-institucional despertado pelas manifestações de 2013, com suas tópicas de anti-representação política e refratária aos modelos de governabilidade característicos da democracia pós-Constituição de 1988.” (SINGER et al., 2020, s.p.). Uma passagem de seu discurso de posse ilustra algumas de suas principais promessas de campanha:

Aproveito este momento solene e convoco cada um dos congressistas para me ajudarem na missão de restaurar e de reerguer nossa pátria, libertando-a, definitivamente, do jugo da corrupção, da criminalidade, da irresponsabilidade econômica e da submissão ideológica. (DISCURSO..., 2019, s.p.)

Outra passagem que ilustra a lógica do governo Bolsonaro foi sua declaração em visita aos EUA no ano de 2019, em um jantar oferecido aos formadores de opinião conservadores na Embaixada do Brasil em Washington (MARIN, 2019). Declarou: “O Brasil não é um terreno aberto, onde nós pretendemos construir coisas para o nosso povo”, afirmou, conforme vídeo divulgado pelo seu filho, o deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), em seu perfil no Twitter. “Nós temos de desconstruir muita coisa, de desfazer muita coisa para depois recomeçarmos a fazer”, completou o presidente (MARIN, 2019).

Dessa forma, retomamos o que Freud (1921/2020) elucida em sua obra a partir de Le Bon:

Se a necessidade da massa vai ao encontro de um líder, ele precisa corresponder a ela com características pessoais. Ele próprio precisa estar fascinado por uma poderosa crença (por uma ideia), para despertar a crença da massa; ele precisa possuir uma forte e imponente vontade, que a massa sem vontade aceite dele. Le Bon fala em seguida de diversas espécies de líder e sobre os meios através dos quais eles influenciam as massas. Em geral, ele diz que os líderes atingem sua importância através de ideias pelas quais eles próprios se tornaram fanáticos. (FREUD, 1921/2020, p. 151)

Essas forças se aproveitaram de um momento político do Brasil, desperto em 2013. Segundo Dean (2022),

Política combina a abertura com uma direção, com a inserção da disrupção da multidão em uma sequência ou um processo que força em uma direção em vez de outra. Não há política enquanto não for anunciado um significado e não tiver início uma luta em torno desse significado [...]. Uma multidão proporciona uma oportunidade para o surgimento de um sujeito político. (DEAN, 2022, p. 159)

Os movimentos de extrema direita no Brasil e no mundo apareceram com um caráter revolucionário e insurrecional ao se proporem, nas palavras de Bolsonaro, “contra tudo que está aí”. Além disso, essa retórica conta com a promessa de uma certa “liberdade” que se declina, principalmente, através de noções como propriedade de si e empreendedorismo, como vimos acima, no processo de uberização da classe trabalhadora brasileira. Ao anunciarem esses significados, capturando a insatisfação que surgiu nas ruas, mobilizaram a energia despertada pela multidão de 2013, organizando-a como massa, como vimos nos protestos de 2015. Adorno (1951), ao relacionar a teoria freudiana ao modelo fascista de propaganda, nos fornece pistas dessa teorização ao dizer:

Talvez uma das razões para esse surpreendente fenômeno seja o fato de que as massas a quem o agitador fascista, antes de tomar o poder, tem de fazer face não sejam as massas organizadas mas as multidões ocasionais da cidade grande. O caráter

frouxamente ligado dessas multidões variegadas exige que a disciplina e coerência sejam sublinhadas, à expensa da necessidade centrífuga e não-canalizada de amor. Parte da tarefa do agitador consiste em fazer a multidão acreditar que é organizada como o exército ou a Igreja. Daí a tendência à superorganização. A organização como tal se torna fetiche, vira um fim ao invés de um meio. É uma tendência que prevalece em toda a fala dos agitadores. (ADORNO, 1951, p. 21)

Isso nos remete também a um dos insights mais conhecidos de Walter Benjamin¹²: “cada ressurgimento do fascismo dá testemunho de uma revolução fracassada”. Ou seja, prova de que a cada vez que vemos o crescimento do fascismo, assistimos ao mesmo tempo a um potencial revolucionário que fracassa. Nos parece que esse pensamento explicita o que vimos nos movimentos de massa brasileiros da última década ao acompanharmos o processo de inflexão entre os protestos de 2013 e os de 2015.

¹² Segundo artigo na Medium, essa frase é comumente atribuída a Walter Benjamin, entretanto não encontra-se em sua obra a referência exata dela. Algumas indicações apontam que esta citação seria uma espécie de interpretação das reflexões de Benjamin no texto “Teorias do fascismo alemão” (1930). Disponível em: <<https://medium.com/@th.marquesribeiro/um-refer%C3%A4ncia-benjaminiana-errada-mas-viva-d7bc979aa2b8>>. Acesso em: 29 out. 2023.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou remontar uma trajetória política brasileira da última década através de dois movimentos de massa importantes, a multidão de 2013 e a massa psicológica de 2015, que marcaram definitivamente a nossa recente história política. À luz da psicanálise, o que colhemos é a extrema atualidade da obra freudiana no que ela trata da constituição psicológica da massa, da formação do Eu e do mal-estar na cultura. Com Lacan, vimos as incidências dos discursos que organizam o laço social no contexto da economia capitalista neoliberal em sua cópula com a tecnociência. O mal-estar produzido no neoliberalismo e seu imperativo de gozo colocam os sujeitos frente a este gozo insaciável e desmedido, que volta-se contra si e contra o outro. Nesse contexto, procuramos nos aproximar desses novos elementos que não estavam presentes na obra de Freud, de 1921, que surgem hoje em um mundo tiranizado pelo capitalismo tardio.

Em nossa época, avolumam-se cada vez mais os exemplos no Brasil e no mundo de manifestações convocadas pelas redes sociais, com seu poder de propagação e disseminação de informação e desinformação. Nos últimos 10 anos, o que colhemos é a intensificação e complexificação desses processos, conforme avança o “poder” das redes sociais e a forma como ela vem se estabelecendo em nossas sociedades. Ainda mais quando, como formulou Lacan em 1970, se dá a “curiosa copulação” (LACAN, 1970/1992, p. 103) entre a tecnologia, em uma variação do que disse Lacan, e o capitalismo, que podemos observar nas redes, em que os algoritmos respondem e operam de acordo com os interesses do mercado, tocando a cada um de nós em nossos interesses particulares e nos levando aos mais diversos tipos de consumo.

Esses fatos, levados às últimas consequências, dentre outros fatores, resultaram no governo que viria após a destituição político-parlamentar da presidenta Dilma Rousseff. Essas matrizes discursivas presentes nos movimentos de massa em 2013 e 2015 impulsionaram novos rumos do cenário político brasileiro que em seu apogeu culminaram na eleição do presidente Jair Messias Bolsonaro, em 2018. Eleito democraticamente, mas com o grande incentivo e financiamento da sua máquina tecnológica de desinformação, expressa, principalmente, no compartilhamento de mensagens através dos aplicativos Whatsapp, Facebook, Instagram e outros.

Salientamos que a força da psicologia das massas na contemporaneidade, não só no Brasil, mas também no Mundo, se manifesta quando assistimos a eventos como a Invasão do Capitólio, nos Estados Unidos, após a derrota do ex-presidente Donald Trump nas eleições de

2020, ou ao evento equivalente a este, no Brasil, a invasão às sedes dos Três Poderes em Brasília, que ocorreu na tarde de 8 de janeiro de 2023. Nessa data, uma multidão de bolsonaristas invadiram o Palácio do Planalto, a sede do Congresso Nacional e a sede do Supremo Tribunal Federal com o objetivo de promover um golpe no governo recém-eleito do presidente Lula, após a derrota do ex-presidente Bolsonaro nas eleições de 2022.

Estes eventos ilustram de forma eloquente a mobilização das massas através das redes sociais e a função do líder, que é forjado pelas redes. Além disso, exemplificam como a massa psicológica age como uma arma. Uma arma que, no exemplo do evento do Capitólio, foi capaz de invadi-lo e depredá-lo a partir de mensagens de incentivo do ex-presidente Donald Trump pelo Twitter, deixando um legado de 2 manifestantes mortos, 725 manifestantes indiciados judicialmente, 3 policiais mortos e outros 140 feridos (HOLANDA, 2022).

No exemplo brasileiro, a massa foi capaz de depredar e causar enormes prejuízos aos prédios da Praça dos Três Poderes, incitados por declarações de Bolsonaro ao longo de todo processo das eleições de 2022, em que questionava a validade do processo eleitoral brasileiro disseminando informações falsas sobre as urnas eletrônicas e o sistema eleitoral através das redes sociais. Este evento deixou um legado de 40 pessoas feridas (RORIZ; SCHWINGEL, 2023), mais de 1.400 detidos (MESTRE, 2023), e 44 policiais militares feridos (RIOS, 2023). E representou algo inédito na história político brasileira, o mais grave ataque à sua democracia desde o golpe de 1964.

Em recente julgamento do STF contra os réus dos atos de 8 de janeiro, o coordenador do Grupo Estratégico de Combate aos Atos Antidemocráticos (GCAA), Carlos Frederico Santos, em sua sustentação oral, lembrou que, ao formular as denúncias contra os envolvidos, o MPF embasou as acusações sob a tese de crime multitudinário. Em suas palavras, tratou-se de um crime “praticado por multidão, por uma turba que mediante atos violentos danificaram o patrimônio público, vandalizando-os, com o fim de consumir a ruptura do Estado Democrático de Direito”. Carlos Frederico explicou que, nesses casos, não há necessidade de descrever a conduta de cada um dos executores do ato, mas sim o resultado dos atos praticados pelo grupo. “Responde pelo resultado a multidão, a turba, aquele grupo de pessoas que mantiveram um vínculo psicológico na busca de estabelecer um governo deslegitimado e inconstitucional” (MPF, 2023).

Estes fatos ilustram de forma eloquente o que vimos no capítulo um, a partir das formulações de Freud sobre a questão do líder como objeto no lugar do Ideal do Eu e seus efeitos hipnóticos: “tudo o que o objeto faz e exige é correto e inatacável. A consciência moral não encontra aplicação para tudo que ocorre em favor do objeto; na cegueira amorosa nos

tornamos criminosos sem remorso” (FREUD, 1921/2020a, p. 188). Assim como a massa bolsonarista de 8 de janeiro cometeu um crime, agiu como uma arma contra o estado brasileiro sob o incentivo de seu líder, Jair Messias Bolsonaro.

Solnik (2023) afirma que a ocupação da sede dos Três Poderes foi “o ato final de uma conspiração contra o estado democrático de direito estimulada pelo presidente Jair Bolsonaro desde a sua posse em 2019.”. Há diversas passagens de discursos de Bolsonaro ao longo de seu governo que justificam essa afirmação. Dentre elas, destacamos o maior indício de seu estímulo ao 8 de janeiro, que ocorreu no dia 9 de dezembro de 2022, três dias antes da diplomação do novo presidente da República. A centenas de apoiadores ele diz:

Quantos amigos nós perdemos por falar a verdade para eles? Quantas vezes nós nos irritamos quando alguém diz a verdade para nós? E hoje estão vivendo um momento crucial, uma encruzilhada, um destino que o povo tem que tomar. Quem decide o meu futuro, para onde eu vou, são vocês. Quem decide para onde vai as Forças Armadas são vocês, quem decide para onde vai a Câmara e o Senado, são vocês também. [...] Não podemos esperar chegar lá na frente e olhar para trás e dizer o que eu não fiz lá atrás e chegamos a essa situação de hoje em dia? Sabemos que cada minuto é um minuto a menos. Vamos fazer a coisa certa. Diferentemente de outras pessoas, vamos vencer. (Discurso de Bolsonaro em 9 de dezembro de 2022 apud SOLNIK, 2023, s.p.)

Em uma clara incitação aos atos golpistas, vemos o líder da massa bolsonarista dizer: gozem!

Torna-se urgente, portanto, pensarmos essas questões sob a perspectiva da insistência de um “real que avança”, tal como nos propõe Laurent (2017), em uma importante reflexão que faz no texto *Gozar da Internet* a partir da seguinte passagem de Freud, em *O mal-estar na cultura*:

Por meio de todas as suas ferramentas, o ser humano aperfeiçoa os seus órgãos - motores, bem como os sensoriais - ou remove os obstáculos para o seu funcionamento. Os motores colocam à sua disposição forças imensas que ele pode, a exemplo de seus músculos, adequar para a direção que quiser; o navio e o avião fazem com que nem a água nem o ar possam impedir a sua locomoção. Com os óculos, ele corrige os defeitos da lente em seu olho; com o telescópio, ele enxerga a longínquas distâncias; com o microscópio, ele supera as fronteiras da visibilidade, delimitadas pela estrutura de sua retina. Com a câmera fotográfica, ele criou um instrumento que retém as fugidias impressões visuais, que é o que o disco de gramofone deve lhe fornecer para as impressões sonoras igualmente efêmeras, sendo ambos, no fundo, materializações da capacidade que lhe foi dada para a lembrança, a da sua memória. Com a ajuda do telefone, ele ouve a partir de distâncias que mesmo os contos maravilhosos considerariam inalcançáveis; a escrita foi, originalmente, a língua daquele que está ausente; a moradia, um substituto do ventre materno [Mutterleib], o primeiro e provavelmente o sempre ainda ansiado alojamento, no qual nos encontrávamos seguros e nos sentíamos tão bem. (FREUD, 1930/2020b, p. 338-339)

Segundo Laurent (2017), a tela do computador conectada à internet é tudo isso ao mesmo tempo. A casa como substituto do corpo materno, como nos diz Freud, está agora ligada a essa domótica fundamental, a uma imagem do universo. Assim, não precisamos mais olhar pela janela, a natureza se desvaneceu. “O real substituiu a natureza, o real avança” (LAURENT, 2017, p. 2) e esse real é feito de objetos que não têm nada de natural, de modos de fazer, de processos. Conclui:

O real avança, como Nietzsche dizia que o deserto avança. Se a escrita era a linguagem do ausente, como diz Freud, o chat, o e-mail, os jogos on-line, o Facebook, o WhatsApp e o Instagram são a linguagem do excesso-de-presença do Outro da civilização Una e digital. (LAURENT, 2017, p. 2)

Nesse “real que avança”, colhemos os efeitos nefastos dessa nova forma de manipulação política operada pelas redes sociais que perpetua a promessa de um gozo garantido a ser vendido como um ideal para a massa identificada, criada artificialmente. Freud, em uma de suas maiores contribuições acerca do laço social, nos diz “a psicologia individual é também, de início, simultaneamente psicologia social” (FREUD, 1921/2020a, p. 137), salientando a inscrição do sujeito na história, na cultura, no laço social. Portanto, não é possível ignorar os movimentos políticos-culturais de nossa época, as tentativas de instauração do Um na política e aniquilação do outro por ele ser o Outro, tão difundido nos discursos de ódio, como vimos nos últimos anos no Brasil. Isso que retorna, avança e resiste nos relança à problemática do inconquistável que habita o laço social e nos convoca a pensarmos, a partir da psicanálise, no que ela promove no limite de seu saber, o sujeito a partir da dialética do desejo e do gozo.

REFERÊNCIAS:

- ADORNO, T. W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos* /Theodor W. Adorno, Max Horkheimer; tradução, Guido Antonio de Almeida. – Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ABÍLIO, C. L. *Uberização: subsunção real da viração*. passapalavra/Blog da Boitempo, fev. 2017. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2017/02/22/uberizacao-do-trabalho-subsuncao-real-da-viracao>>. Acesso em: 15 jul. 2023
- ALMEIDA, S. *Racismo estrutural*. São Paulo: Jandaíra, 2019.
- ALIANÇA BIKE. Pesquisa de perfil dos entregadores ciclistas de aplicativo. São Paulo: Aliança Bike, 2019.
- AGOSTINE, C. *Metro de SP liberou catraca para manifestantes em ato contra Dilma*. Valor Econômico, São Paulo, 18 mar 2015. Disponível em: <<https://valor.globo.com/politica/noticia/2015/03/18/metro-de-sp-liberou-catraca-para-manifestantes-em-ato-contra-dilma.ghtml>>. Acesso em: 02 jun. 2022.
- BENJAMIN, W. Sobre o conceito da História. In : BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- BIRMAN, J. O sujeito da diferença e a multidão. *Ide (São Paulo)*, São Paulo, v. 36, n. 57, p. 25-40, jun. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062014000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 jun. 2022.
- BRASIL. Programa Mais Médicos, [s.d.] Conheça o programa. Disponível em: <<http://maismedicos.gov.br/conheca-programa#:~:text=O%20Programa%20Mais%20Médicos%20%28PMM%29%20é%20parte%20de,aos%20usuários%20do%20Sistema%20Único%20de%20Saúde%20%28SUS%29>>. Acesso em: 07 set. 2022.
- CALIL, G. G. Embates e disputas em torno das jornadas de junho. *Projeto História: Motins e Revoluções*, São Paulo, n. 47, p. 377-403, Ago. 2013. Disponível em: <<http://ken.pucsp.br/revph/article/view/17155>>. Acesso em: 02 jun. 2022.
- CARLOS, A. *Quem financia os meninos do golpe?*, 13 mar. 2015. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/03/quem-financia-os-meninos-do-golpe.html>>. Acesso em: 19 set. 2022.
- CASTELLS, M. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DARRIBA, V.; D'ESCRAGNOLLE, M. A presença do capitalismo na teoria dos discursos de Lacan. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* [online]. 2017, v. 20, n. 2, p. 543-558. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1809-44142017002012>>. Acesso em: 25 de jul. 2023. Epub May-Aug 2017. ISSN 1809-4414. <https://doi.org/10.1590/1809-44142017002012>.

DIÁRIO DO CENTRO DO MUNDO. (2023). Ex-agente das forças especiais de Israel influenciou 33 eleições mundo afora com hackeamento e desinformação. *Diário do Centro do Mundo*. Disponível em: <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/ex-agente-das-forcas-especiais-de-israel-influenciou-33-eleicoes-mundo-afora-com-hackeamento-e-desinformacao>>. Acesso em: 10 de jul. de 2023.

DEAN, J. *Multidões e partido*. Tradução de Artur Renzo. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2022.

DISCURSO do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Cerimônia de Posse no Congresso Nacional. Governo do Brasil, Brasília, 01 jan. 2019. Disponível em: <<https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2019/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-posse-no-congresso-nacional>>. Acesso em: 06 jun. 2022.

FERRAZ, L. Maioria foi às ruas contra corrupção, diz Datafolha. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 17 mar 2015. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1603885-maioria-foi-as-ruas-contracorrupcao-diz-datafolha.shtml>>. Acesso em: 02 jun. 2022.

FISHER, M. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* Tradução de Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeodato, Maikel de Silveira. 1. ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

_____. *A máquina do caos: Como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo*. Tradução de Érico Assis. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2023.

FLORESTI, F. Manifestações de ‘Junho de 2013’ completam cinco anos: o que mudou? *Revista Galileu*, 20 jun. 2018. Disponível em: <https://s2.glbimg.com/VcUTNTsev3KGtkAUrP6mjxUyIJ4=/e.glbimg.com/og/ed/f/original/2018/06/20/abr200613_mca2268.jpg>. Acesso em: 19 set. 2022.

FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France*. São Paulo: Martins Fontes, 2008

FREUD, Sigmund. (1917). Luto e melancolia. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago, 1972.

_____. (1908-1938). O mal-estar na cultura (1930[1929]). In: *Cultura, sociedade e religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. 1. ed, Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Obras incompletas de Sigmund Freud /coordenação Gilson Iannini, Pedro Heliodoro Tavares).

_____. O eu e o id. In: FREUD, S. *Sigmund Freud, Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Vol. XVI, p. 13-74.

FREUD, Sigmund. (1856-1939). O problema econômico do masoquismo (1924). In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente, volume III*. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

_____. (1918[1917]) O tabu da virgindade (Contribuição à Psicologia do Amor III). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1908-1938). Psicologia das massas e análise do Eu (1921). In: *Cultura, sociedade e religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. 1. ed, Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Obras incompletas de Sigmund Freud /coordenação Gilson Iannini, Pedro Heliodoro Tavares).

GONZATTO, M. Quem são os articuladores nacionais do protesto contra Dilma. *Gaúchazh*, [s.l.], 14 mar 2015. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2015/03/quem-sao-os-articuladores-nacionais-do-protesto-contra-dilma-4718377.html>>. Acesso em: 02 jun. 2022.

GUIMARÃES, J. Reforma trabalhista reduziu renda, não gerou emprego e precarizou trabalho. 11 nov. 2018. *Brasil de fato*. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/11/11/reforma-trabalhista-reduziu-renda-nao-gerou-emprego-e-precarizou-trabalho>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

HOLANDA, L. Invasão do Capitólio completa 1 ano com mais de 725 acusados. *Metrópoles*. 06 jan. 2022. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/mundo/invasao-do-capitolio-completa-1-ano-com-mais-de-725-acusados>>. Acesso em 10 jul. 2023.

LACAN, J. Du discours psychanalytique. Conferência em Milão (12 de maio de 1972). In: *Lacan in Itália*. La Salamandra, 1978. p. 32-55. (Obra original publicada em 1972)

_____. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998b. p. 96-103.

_____. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola [1967]. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003. (Original publicado em 2001)

_____. *O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 1986. (Trabalho original publicado em 1953-54).

_____. *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986. (Trabalho original publicado em 1959-1960).

_____. *O Seminário, livro 16: De um Outro ao outro*. Jorge Zahar Ed., 2008. (Seminário proferido em 1968-1969).

_____. *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise [1969-70]*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992. (Original publicado em 1991).

LACAN, J. *O Seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar., 2009. (Trabalho original publicado em 1971).

_____. *O Seminário, livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 1985b. (Trabalho original publicado em 1972-73).

_____. Televisão. In. *Outros escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 508-543. (Trabalho original publicado em 1973).

LAURENT, E. Gozar da Internet. *Derivas analíticas: Revista digital de psicanálise e cultura da escola Brasileira de Psicanálise – MG*. 2017. Disponível em: <<http://www.revistaderivasanaliticas.com.br/index.php/gozar-internet>>. Acesso em: 10 de jul. de 2023.

_____. Racismo 2.0. *Lacan Cotidiano*, n. 371, 2014. <<http://ampblog2006.blogspot.com/2014/02/lacan-cotidiano-n-371-portugues.html>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

MAIA, G. *As máquinas, o todo-saber e o fascismo: a psicanálise entre dados e algoritmos* [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. PUC-SP. 2022. Disponível em: <<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/26491>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

MANIFESTANTES protestam contra Dilma em todos os estados, DF e exterior. *G1*. São Paulo, 15 mar 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/03/manifestantes-protestam-contradilma-em-estados-no-df-e-no-externo.html>>. Acesso em: 02 jun. 2022.

MAPA das manifestações no Brasil, domingo, 15/03. *G1*, [s.l.], mar 2015. Disponível em: <<http://especiais.g1.globo.com/politica/mapa-manifestacoes-no-brasil/15-03-2015/>>. Acesso em: 02 jun. 2022.

MARIN, D. C. ‘Temos de desconstruir muita coisa’, diz Bolsonaro a americanos de direita, mar. *Veja*. 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/temos-de-desconstruir-muita-coisa-diz-bolsonaro-a-americanos-de-direita/>>. Acesso em: 19 set. 2022.

MATOSO, F. Governo Dilma tem aprovação de 9%, aponta pesquisa Ibope. *G1*, Brasília, 1 jul. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/07/governo-dilma-tem-aprovacao-de-9-aponta-pesquisa-ibope.html>>. Acesso em: 02 jun. 2022.

MÁXIMO, W. Crise econômica em 2014 concentra-se em empresas do setor financeiro. Agência Brasil, Brasília, 28 dez 2014. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2014-12/crise-economica-em-2014-concentra-se-em-empresas-do-setor-financeiro>>. Acesso em: 02 jun. 2022.

MAZUI, G. Jair Bolsonaro é eleito presidente e interrompe série de vitórias do PT. *G1*, Brasília, 28 out 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/28/jair-bolsonaro-e-eleito-presidente-e-interrompe-serie-de-vitorias-do-pt.ghtml>>. Acesso em: 02 jun. 2022.

MESTRE, G. Mais 41 foram presos além dos 1406 detidos no 8 de janeiro. *Poder 360*. 2023. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/justica/mais-41-foram-presos-alem-dos-1-406-detidos-no-8-de-janeiro/>>. Acesso em: 10 de jul. de 2023.

MOURA, C. *Dialética Radical do Brasil Negro*. São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 2014.

MOVIMENTO BRASIL LIVRE – MBL e junho de 2013. Uma franquia americana que depois do impeachment está presente no movimento Escola Sem Partido. Entrevista especial com Marina Amaral. *Ihu*, 01 ago 2016. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/558321-movimento-brasil-livre-mbl-e-junho-de-2013-uma-franquia-americana-que-depois-do-impeachment-esta-presente-no-movimento-escola-sem-partidoq-entrevista-especial-com-marina-amaral>> Acesso em: 02 jun. 2022.

MOVIMENTO BRASIL LIVRE. Movimento Brasil Livre [s.l.], [s.d.]. Facebook: mblivre. Disponível em: <<https://www.facebook.com/mblivre/>>. Acesso em: 07 set. 2022.

MPF. PGR reitera pedido de condenação do primeiro réu acusado dos atos antidemocráticos. MPF, Brasília, 13 de set. 2023. Disponível em: <<https://www.mpf.mp.br/pgr/noticias-pgr2/2023/pgr-reitera-pedido-de-condenacao-do-primeiro-reu-acusado-dos-atos-antidemocraticos>>. Acesso em: 25 jul 2023

MPL. Movimento Passe Livre, [s.d.]. Página inicial. Disponível em: <mpl.org.br>. Acesso em: 07 set. 2022.

NA DISPUTA mais acirrada da história, Dilma é reeleita presidente do Brasil. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26 out. 2014. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1537894-dilma-e-reeleita-presidente-do-brasil.shtml>>. Acesso em: 02 jun. 2022.

NÚMERO de manifestantes no 15 de março causa polêmica. *Carta Capital*, [s.l.], 17 mar. 2015. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/a-polemica-sobre-o-numero-de-manifestantes-na-avenida-paulista-7018/>>. Acesso em: 06 jun. 2022.

ORLOWSKI, J. *O Dilema das Redes* [documentário]. Netflix. 2020. Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/title/81254224>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

ORTELLADO, P.; SOLANO, E. Nova direita nas ruas? *Perseu*, ano 7, n. 11, p.177-178, fev. 2016. Disponível em: <<https://revistaperseu.fpabramo.org.br/index.php/revista-perseu/article/view/97/65>>. Acesso em: 02 jun. 2022.

PENA, B. F.; MOREIRA, J. O.; GUERRA, A. M. C. O supereu em Freud e Lacan: da moralidade à amoralidade, uma gula estrutural. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* [online]. 2020, v. 23, n. 1, p. 37-56. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n1p37.4>>. Acesso em: 17 jul. 2023. Epub 22 Abr. 2020. ISSN 1984-0381. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n1p37.4>.

PINTO, C. R. J. A trajetória discursiva das manifestações de rua no brasil (2013-2015). *Lua Nova*, São Paulo, n. 100, p. 119-153, Jan. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452017000100119&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 jun. 2022.

POLÍCIA Militar utiliza violência para reprimir protesto em São Paulo. Bom dia Brasil, [s.l.], 14 de jun 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2013/06/policia-militar-utiliza-violencia-para-reprimir-protesto-em-sao-paulo.html>>. Acesso em: 02 jun. 2022.

PSDB pede ao TSE auditoria para verificar “lisura” da eleição. G1. Brasília, 30 de out 2014. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2014/10/psdb-pede-ao-tse-auditoria-para-verificar-lisura-da-eleicao.html>>. Acesso em: 02 jun. 2022

QUEM são os manifestantes de 16 de agosto. Carta Capital, São Paulo, ago. 2015. Sociedade. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/quem-sao-os-manifestantes-de-16-de-agosto-9588/>>. Acesso em: 19 set. 2022.

REVOLTADOS ONLINE BRASIL. *Revoltados Online Brasil*. [s.l.], [s.d.]. Facebook: revoltadosonline. Disponível em: <https://www.facebook.com/revoltadosonline/?ref=page_internal>. Acesso em: 07 set. 2022.

RIBEIRO, D. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

RINALDI, D. *A ética da diferença: um debate entre psicanálise e antropologia*. Rio de Janeiro: EdUERJ: Jorge Zahar Ed., 1996.

RINALDI, Doris. Psicologia das massas, mais ainda: fraternidade, ódio e segregação. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XIII, no.spe.), p. 56-62, 2021.

RIOS, A. 44 PMs do DF ficaram feridos em ataque bolsonarista, diz interventor. *Metrópoles*. 2023. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/44-pms-do-df-ficaram-feridos-em-ataque-bolsonarista-diz-interventor>>. Acesso em: 10 de jul. de 2023.

RODRIGUES, L. Entenda o que é a PEC 37. Portal EBC, [s.l.], 18 jun 13. Disponível em: <<https://memoria.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/06/entenda-o-que-e-a-pec-37>>. Acesso em: 07 set. 2022.

RORIZ, G.; SCHWINGEL, S. Hospital de base recebe mais de 40 feridos durante atos terroristas no DF. *Metrópoles*. 2023. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/hospital-de-base-recebe-mais-de-40-feridos-durante-atos-bolsonaristas-no-df>>. Acesso em 10 de jul. de 2023.

ROVAI, R. A estratégia da Globo para atrair mais gente ao protesto de domingo. *Pragmatismo Político*, [s.l.], 12 mar 2015. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/03/a-estrategia-da-globo-para-atrair-mais-gente-ao-protesto-de-domingo.html>>. Acesso: 02 jun. 2022.

ROVENA ROSA/AGÊNCIA BRASIL. Manifestação em São Paulo contra corrupção e o governo Dilma, 13 mar. 2016. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Manifesta%C3%A7%C3%A3o_em_S%C3%A3o_Paulo_contra_corrup%C3%A7%C3%A3o_e_o_governo_Dilma_em_13_de_mar%C3%A7o_de_2016_\(3\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Manifesta%C3%A7%C3%A3o_em_S%C3%A3o_Paulo_contra_corrup%C3%A7%C3%A3o_e_o_governo_Dilma_em_13_de_mar%C3%A7o_de_2016_(3).jpg)>. Acesso em: 19 set. 2022.

REVOLTADOS ONLINE BRASIL. *Revoltados Online Brasil*. [s.l.], [s.d.]. Facebook: revoltadosonline. Disponível em: <https://www.facebook.com/revoltadosonline/?ref=page_internal>. Acesso em: 07 set. 2022.

SABINO, A. M.; ABÍLIO, L. C. Uberização: o empreendedorismo como novo nome para a exploração. *Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano*, Campinas, v. 2, n. 2, p. 109-135, 2019.

SAFATLE, V. P. Violências e libido: fascismo, crise psíquica e contrarrevolução molecular. *Estilhaço*, São Paulo, n. 1, 2023. Revista eletrônica não paginada. Disponível em: <<https://www.xn--estilhao-y0a.com.br/violenciaselibido>>. Acessado em: 12 fev. 2023.

SENADO, Agencia. Aprovada em 2017, reforma trabalhista alterou regras para flexibilizar o mercado de trabalho. *Agencia Senado*. 02 de maio de 2019. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/05/02/aprovada-em-2017-reforma-trabalhista-alterou-regras-para-flexibilizar-o-mercado-de-trabalho>>. Acesso em: 05 jul. 2023.

SCARTEZINI, N. A fascistização da indignação: as manifestações de 2015 no brasil. *Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 20, p. 183-206, jan./jun. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/8019/5790>>. Acesso em: 02 jun. 2022.

SILVEIRA, S. A. *Democracia e os códigos invisíveis*. São Paulo, Edições Sesc SP, 2019. (Coleção Democracia Digital).

SINGER, A. *O lulismo em crise: Um quebra cabeça do período Dilma (2011-2016)*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOLANO, E. *O ódio como política*. Rio de Janeiro: Boitempo, 2018. (Coleção Tinta Vermelha).

SOLNIK, A. “Façam a coisa certa”. 17 de set. 2023. *Brasil 247*. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/blog/a-senha-do-8-1-7muuarjc>>. Acesso em: 10 de jul. 2023.

TESHAINER, M. C. R.; LARA JUNIOR, N.; DUNKER, C. I. L. Panelaço e o estado de exceção: uma leitura psicanalítica da convulsão social brasileira dos anos 2015-2016. *Rev. Subj.*, Fortaleza, v. 18, n. 1, p. 11-22, abr. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692018000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02. jun. 2022.

VEM PRA RUA. VemPraRua.net [s.d.] O movimento. Disponível em: <<https://www.vempraru.net/o-movimento/>>. Acesso em: 07 set. 2022.

ZUBOFF, S. *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021. E-book.